

# MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

JAN/FEV 82



NÚMERO 1

## Os Autores Bíblicos e o Uso de Outras Fontes Além da Revelação



# ÍNDICE

---

## De Coração a Coração 3

---

Lute Mais um "Round"  
*Daniel Belvedere*

---

## O Pastor 4

---

Trajeto em Direção à Intimidade  
*Ron Flowers*

Doze Anos Numa Igreja  
*Norman Versteeg*

---

## A Esposa do Pastor 9

---

Novo Conceito da Esposa do Pastor  
*Dr. Roger Dudley e Carole Luke Kilcher*

---

## Os Cordeirinhos do Rebanho 11

---

Por que Joãozinho Não Consegue Prestar Atenção ao Sermão  
*B. Russell Holt*

---

## Espírito de Profecia 13

---

Inspiração-Revelação — II  
*Elbio Pereyra*

---

## Teologia 16

---

Os Autores Bíblicos e o Uso de Outras  
Fontes Além da Revelação  
*Elbio Pereyra*

---

## A Pregação 19

---

O Pregador e os Meios Visuais  
*Vítor Cooper*

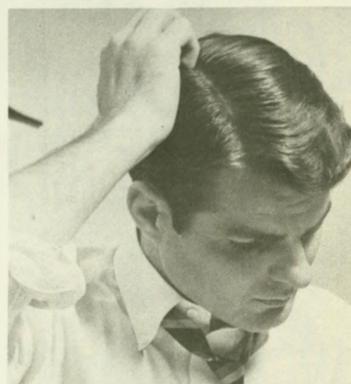
---

## A Saúde do Pastor 21

---

Quando o Pastor Fica Extenuado  
*Kevin J. Howse*

---



---

O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Nº 1 JANEIRO/FEVEREIRO 82

Gerente Geral:  
Wilson Sarli  
Redator-Chefe:  
Rubens S. Lessa

Redator:  
Naor G. Conrado

Diretor:  
Arthur S. Valle  
Colaborador Especial:  
Daniel Belvedere  
Colaboradores:  
João Wolff

José C. Bessa  
Alcides Campolongo  
Pavel Moura  
Direção de Arte:  
Erlo G. Köhler  
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:  
Paulo Sartori Gusmão

Assinatura Anual:  
Cr\$ 450,00  
US\$ 4,00

Esta revista acha-se  
registrada na DCDP  
do DPF sob  
nº 899 — P. 209/73

Todo artigo ou qualquer  
correspondência  
para a revista  
*O Ministério Adventista*,  
devem ser enviados para  
o seguinte endereço:  
Caixa Postal, 07-1042  
70000-Brasília-DF



Editado  
bimestralmente  
pela  
*Casa  
Editora  
Brasileira*,

Av. Pereira Barreto, 42 -  
09000 - Santo André,  
São Paulo

# LUTE MAIS UM «ROUND»

Daniel Belvedere

*Secretário Ministerial da Divisão Sul-Americana*

Se não me falha a memória, li que certa ocasião perguntaram a Jack Dempsey qual foi o conselho mais oportuno que recebera durante sua bem sucedida carreira como boxador profissional. Sua resposta foi:

— O melhor conselho que já recebi foi: “Lute mais um round!”

Não acha que este princípio também poderia aplicar-se a nós, que combatemos “o bom combate da fé”?

Dizem que o Pastor Walter Schubert, no começo de seu ministério, uma noite voltou desanimado para casa. Os cinco estudos bíblicos marcados para esse dia haviam falhado. Com pesar, disse para a esposa que evidentemente o ministério não era para ele. Foi nesse momento que sua companheira o convidou a orar. Ao levantar-se, decidiram “lutar mais um round” . . . e valeu a pena, pois ele tornou-se um gigante da pregação adventista, ocupou a secretaria ministerial da Divisão Sul-Americana, deu um rumo definido e exitoso à evange-

lização em nossas terras e jubilou-se como secretário ministerial associado da Associação Geral.

Durante os primeiros anos de meu ministério, numericamente falando, não tive nenhuma razão para vangloriar-me. Até podia haver pensado que seria melhor dar o lugar a outro aspirante. Em meu primeiro ano de trabalho só batizei seis almas; catorze no segundo; no terceiro quinze; e dezessete no ano seguinte. No entanto, cada ano e cada dia tenho estado e estou disposto a lutar mais um round, e o Senhor, misericordioso, clemente e poderoso, Se encarregou de modificar a situação.

Teologicamente falando, foi um erro insistir? Quem lê Josué 1:9 descobre que esse servo de Deus, o qual devia realizar uma obra importante, recebeu a ordem expressa de perseverar. Depois do desapontamento da cruz, os discípulos “lutaram mais um round” e encheram o mundo

com o evangelho da salvação. Depois do desapontamento de 1844, os sinceros pioneiros que deram origem a nossa Igreja “lutaram mais um round” e cumpriram a profecia da restauração da verdade para o tempo do fim.

Dizem que o Ano Novo é uma oportunidade propícia para tomar decisões de longo alcance. Vocês e eu, ministros do evangelho, concordaremos em que cada dia é uma boa oportunidade para tomar uma decisão sensata. Portanto, por que não tomá-la agora? Se é verdade o pensamento bíblico de que “quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes” (Sal. 126:6), então, ao iniciar este novo ano, vocês e eu faríamos bem em decidir “Lutar mais um round”. Talvez este seja o round da vitória — a da transformação de nosso ministério pelo poder de Seu Espírito e até, possivelmente, do retorno do Senhor.

Assim seja, amém. Vem, Senhor Jesus.

# Trajeto em Direção à Intimidade



**Ron Flowers**

*Pastor de igreja por muitos anos e atualmente vice-diretor do Serviço Lar e Família da Associação Geral dos ASD.*

Eu estava pregando o oitavo de uma série de dez sermões sobre a lei de Deus. Tinha apresentado o que julgava ser alguns pontos apropriados ao definir o preceito: "Não furtarás." Entre outras coisas, furtar é deixar de pagar as dívidas, despojar alguém de sua boa reputação pela calúnia ou bisbilhotice e aproveitar-se injustamente da necessidade alheia. Mencionei também que o encobrimento de defeitos e a falsa descrição da qualidade também é uma espécie de furto. (Tenho certeza de que não salientei isso naquela ocasião, mas ao ponderar sobre o assunto posso ver que esse encobrimento dos defeitos também se aplica às pessoas quando fingem ser o que não são!)

Continuando, senti a impressão de que devia partilhar uma experiência que até aquele mo-

mento era desconhecida a todos os outros de minha família e congregação. Era algo muito pessoal. A princípio, resisti ao próprio pensamento de partilhá-lo. Pois não somente estavam presentes minha esposa e meus filhos, mas minha mãe estava visitando nossa igreja! O que ela e todos os outros pensariam de mim? Finalmente, porém, no momento apropriado, decidi contar a experiência. Todo o santuário ficou ainda mais silencioso do que de costume quando revelei um episódio muito doloroso e pessoal de minha própria vida.

Nos anos de minha experiência pastoral, levantei-me centenas de vezes para pregar. Muitas dessas ocorrências do passado desapareceram de minha memória, mas algumas ocasiões de pregação serão sempre desdobradas com alegria e gratidão nos recessos de minha faculdade retenti-

va, pois nessas ocasiões, no próprio ato da pregação, ocorreu algo significativo dentro de mim bem como em minha congregação. Um desses casos foi o ato de partilhar com meu povo essa experiência muito pessoal. Em retrospecto, considero-o um ponto decisivo em minha obra no púlpito e no meu ministério em sua totalidade. Foi uma linha divisória de águas, pois dela têm emanado caudais de bênçãos. Constituiu um novo enfoque em meu ministério.

Falei de um tempo durante os anos no curso secundário em que furtei uma peça necessária para o meu carro. Segundo a classificação dos pecados pelos homens, suponho que não fora um "grande" pecado, mas ele me perturbou por diversos anos. A lembrança desse pecado afligiu-me durante o tempo no colégio, acompanhou-me no seminário e

seguiu os passos de meu ministério. Às vezes, ele me apoquentava na reunião de oração ou em minhas devoções particulares. Durante as férias, na casa de meus pais, eu tinha de passar de vez em quando pelo local de meu furto, sentia intenso remorso, mas não conseguia enfrentar o revendedor de carros usados que eu havia prejudicado. Afinal de contas, eu era um *pastor* e a confissão seria agora bastante desagradável! Ademais, eu racionalizava que a peça que surripiei não valia tudo isso, e o próprio proprietário não se destacava pela honestidade. Não havia cobrado um preço excessivo pelo velho automóvel que impingira a meu pai?

Mas todo o verniz com que eu procurara cobrir a coisa nunca parecia suficientemente espesso. Finalmente, angustiado, pedi perdão a Deus pelo furto e por todos os pretextos que havia inventado para não endireitar as coisas. Na outra vez em que visitei meus pais, obriguei-me a ir ter com o homem e contar-lhe o que se passara, prontificando-me a pagar a peça. Ele ficou chocado e estupefato — não tanto por causa do furto, mas por eu ter vindo fazer a confissão! É escusado dizer que ele rejeitou minha proposta de pagamento. Senti um grande alívio quando saí de seu escritório. O terrível fardo havia desaparecido, e eu estava livre. Além disso, senti um estranho apego a esse homem que eu desprezara por tanto tempo. Foi penoso revelar isso para ele, mas valeu a pena. Seus olhos embaciados pelas lágrimas quando trocamos um aperto de mãos demonstravam-no.

Após o sermão, fiquei em pé na parte de trás do santuário, à medida que a congregação ia saindo. A reação foi surpreendente. Eles apertaram-me a mão e disseram que se identificavam comigo. Agradeceram reiteradas vezes esse relato de minha própria vida. Um casal que era novo na cidade e estava à procura de uma igreja, disse: "Sabemos agora qual a igreja que iremos frequentar. O senhor é humano assim como nós."

Em casa refleti bastante tempo sobre o que havia acontecido.

Gostei da reação da congregação, pois eles também se haviam apoderado do perdão de *seus* pecados como tinham visto que eu fizera com o perdão dos meus pecados. Naturalmente, fiquei contente porque o novo casal e seus filhos frequentariam nossa igreja, mas confesso que não tinha muita certeza de que realmente desejava ser tão "humano" como todos os outros. Afinal de contas, não devem os pastores ser exemplos aos cristãos "comuns", de pessoas piedosas que vivem num mundo de pecadores, mas *não pertencem* a esse mundo?

Bem no íntimo de minha alma, comumente fora do alcance de minha própria percepção, estava o fato de que eu era tão humano como os outros, mas chegara lamentavelmente a crer e proceder como se um pastor em circunstância alguma devia revelar esse fato. "Se um homem tem fraquezas, receios e dúvidas, sendo na realidade um pecador em todo o sentido — perguntei a mim mesmo — como pode dirigir? Como pode falar a respeito da vida de retidão e estimular sua congregação a alcançar um nível espiritual mais elevado?" Desde a primeira compreensão do chamado divino, sempre almejei ser pastor e encontrar-me entre os melhores. Mas a busca do que eu considerava o ideal levava-me cada vez mais a fazer reservas dentro de mim. Ocultei aos outros capítulos inteiros de minha vida (um pastor não contaria isso!), muitas das experiências pessoais que eu estava tendo (a vida dos pastores é mais santa do que isso!), emoções de vasto alcance (os pastores não riem muito e certamente não ficam deprimidos!), dúvidas e receios (os pastores não as têm!). Exteriormente eu manifestava somente o que correspondia a minha imagem de um "bom" pastor. Como é natural, isso teve o seu preço. Havia um ar estagnado de artificialidade em meu ministério que impedia as pessoas de me conhecerem e (segundo vim a compreender mais tarde) impedia-me de conhecê-las devidamente.

Daquele momento espontâ-

neo e quase involuntário de participação pessoal num sermão, começou a advir-me mais profunda compreensão do ministério pastoral. Não tinha certeza do que moldara minha atitude atual — se a cultura, o preparo, a teologia defeituosa ou apenas obstinada indiferença — mas tive de admitir que nunca havia partilhado com franqueza e sinceridade algo de minha própria peregrinação pessoal e daqueles recessos interiores. Cautelosa e timidamente, esforcei-me por descerrar minha própria vida e experiência em minha pregação e obra pessoal. Coisas importantes começaram a ocorrer. Sentime melhor, e achei que estava me envolvendo mais profundamente com aqueles que procurava ajudar. Confiei-lhes minha verdadeira pessoa, e eles me aceitaram, manifestando-me amor! Como retribuição, amei-os mais ainda. Durante certo período de tempo, notei que aconteceu alguma coisa igualmente emocionante na vida de muitos em minha congregação. Percebendo que eu também tinha lutas, conflitos, sofrimentos e dúvidas na vida cristã, *eles* tornaram-se mais sinceros, francos e desembaraçados diante de mim, e mais à vontade consigo mesmos. Juntos confiamos na justiça de Cristo para nossa segurança pessoal, para nossa alegria e para nossas vitórias. Juntos penetramos em "águas mais profundas" em nossas relações como igreja, abrindo-nos mais uns aos outros em pequenos grupos de companheirismo. Tivemos uma experiência similar na comunidade ao nosso redor. Nosso casamento e nossas relações familiares foram fortalecidos.

Não tenho dúvidas de que a Igreja é o meio de Deus para transmitir a verdade e a sã doutrina a um mundo caído. Com demasiada frequência, porém, como ministros, definimos nosso papel como porta-vozes dessa verdade e sã doutrina, imbuídos da responsabilidade de informar os ignorantes e trazer isso continuamente à lembrança dos que supostamente já o sabem. Muitos pastores têm labutado varonilmente em sua tarefa, mas amiúde

à custa de grande frustração e de não pouco senso de futilidade. A Igreja deve ser, porém, algo mais do que o veículo da verdade, por mais importante que isto seja; e o pastor deve ser algo mais do que um expositor da doutrina, por mais vital que isto seja. Há alguma coisa que é procurada por todo adorador e por todo membro de igreja — quer sejam oficiais e membros bem estabelecidos que freqüentem a igreja regularmente, ou pessoas perplexas, idosas, divorciadas, ou os jovens nas fimbrias da igreja. Os estudantes da conduta humana chamam essa ambicionada qualidade de *intimidade*. É outro termo para profundas relações pessoais.

Com demasiada freqüência, pensamos em intimidade apenas no contexto sexual. Para os casais, ela tem essa dimensão, mas precisamos considerar também a intimidade como ser plenamente conhecido, plenamente aceito e plenamente amado — a intimidade de verdadeira amizade. Do princípio ao fim, a Palavra de Deus fala de relações interrompidas e do plano de Deus para restaurar a profunda relação pessoal entre Ele e a humanidade, e entre os próprios seres humanos. A igreja deve ser a família, o ninho, em que possa ser encontrada e experimentada tal espécie de intimidade. Creio que a igreja primitiva conhecia essa espécie de intimidade mútua e se achava, em grande parte, destituída dos tabus culturais que tantas vezes nos levam a usar de disfarces uns com os outros. A conveniência recomenda que nos contentemos com simples conhecimentos casuais, quando poderíamos desfrutar a cordialidade, o apoio e a animação de profundas relações de mútuo companheirismo.

O pastor ou pregador que de-seja tornar-se não somente um expositor da verdade e doutrina, mas também um incentivador e promovedor de relações, se encontra em excelente companhia. Reiteradas vezes Jesus Se tornou íntimo, dessa maneira, de tais pessoas como Zaqueu, a mulher junto ao poço e Levi Mateus. Era arriscado, mas Jesus correu o risco, e maravilhosas foram as

relações cultivadas e que floresceram. Naturalmente, houve pessoas, como agora, que achavam que “a familiaridade produz desprezo”. Nalguns casos realmente é assim. Os que são tão fechados em si mesmos que não podem tornar-se vulneráveis diante dos outros, ou chegar-se a outras pessoas, se ofendem com os que podem fazê-lo e o fazem — especialmente aqueles em tais posições como o pastorado.

Talvez tenhamos de reconsiderar nossas pressuposições acerca da liderança da igreja. Pedro resistiu à tentativa de Jesus para realizar um ato de humilde serviço em seu favor — a saber, lavar-lhe os pés. Mas a resposta de Jesus demonstra o valor que Ele dava a essa espécie de franca participação e intimidade: “Se Eu não te lavar, não tens parte comigo.” S. João 13:8. Felizmente, Pedro esteve disposto a pôr de lado alguns entraves ao companheirismo que fazem parte de seu passado e desfrutar mais profunda experiência com o Senhor.

O pastor que se abre corre o risco de ser mal compreendido. Sua boa vontade para partilhar sinceramente o que há dentro dele pode ser explorada; ele pode ser considerado como fraco e, talvez, até julgado moralmente incompetente para o cargo. Um comandante militar ou o dirigente de um governo ou de uma empresa secular não correria esse risco. Em tais setores, a autoridade, o poder e o domínio estão em jogo, e é mantida uma distância e separação muito definida entre o dirigente e os subalternos. Mas o risco da intimidade pode ser assumido pelos dirigentes do povo de Deus, pois nossas responsabilidades são diferentes (ver S. Mat. 20:25-27). Quando encaramos seriamente a noção bíblica da liderança como servo, veremos surgir profundos sentimentos de amizade e compaixão entre nós e nosso povo. O programa da igreja de repente funcionará com muito mais suavidade, e pecadores serão atraídos para semelhante cenário de graça.

A intimidade com nosso povo não significa introduzir entre os pastores uma vulgaridade e jovia-

lidade de baixo nível ou um padrão reduzido. Pelo contrário, a pessoa ordenada tem a sagrada obrigação de manter a dignidade e a integridade apropriadas a sua vocação. O importante é compreender e depois mostrar às pessoas pelas quais labutamos que estamos na mesma altura que elas no que diz respeito a nossa necessidade de santificação. Precisamos identificar-nos com as pessoas e permitir que elas se identifiquem conosco, como fez Ezequiel: “Assentei-me ali atônito no meio deles.” Eze. 3:15.

Acusações de falsidade, hipocrisia e indiferença freqüentemente têm sido lançadas contra o ministério e, amiúde, com alguma razão. *Elevemos* a norma de tal maneira que nosso povo perceba que somos dirigentes honestos, fidedignos e profundamente espirituais. Mas devem considerar-nos também como indivíduos que lutam poderosamente contra o mesmo inimigo que eles. Estendamos-lhes a mão, dizendo: “Venha, meu irmão e minha irmã, prossigamos unidos em direção ao Céu.”

Davi, Oséias, Paulo e outros abriram sua vida para que pudéssemos vê-la, pois do contrário não teríamos certos vislumbres da maneira como Deus opera nos lares e casamentos, com as emoções e em meio de conflitos, dúvidas e temores de pessoas reais. Aprendemos muita coisa acerca de relações íntimas desses e outros personagens bíblicos cuja vida é descrita com tanta franqueza. Sabemos tudo a seu respeito, mas continuamos a amá-los e os respeitamos mais ainda.

Para que a Igreja cresça e prospere hoje em dia como sucedeu no passado, seus pastores precisam seguir o exemplo dos pastores do povo de Deus em tempos anteriores. Andando nas pegadas do Supremo Pastor, eles não empurravam, mas guiavam o rebanho. Exortavam-no mas andavam com ele. O poder de sua liderança estava em suas conexões íntimas. Nós também podemos encontrar a chave de um ministério mais cabal na revelação pessoal — a disposição de arriscar-se a ter intimidade com as pessoas que procuramos ajudar. 📖



# DOZE ANOS NUMA IGREJA

**Norman Versteeg**

*Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Garden Grove, Califórnia*

*É possível ficar mais de uma década numa igreja e ainda ser feliz e bem sucedido? Falando de sua própria experiência, o autor deste artigo diz que sim.*

“Como se sente depois de permanecer tanto tempo numa igreja” é uma pergunta que ouço com frequência, especialmente agora que estabeleci um recorde não oficial de duração de serviço numa igreja.

Tudo começou no Colégio Walla Walla, num inverno, quando o Senhor me pediu que fizesse algo ridículo e impossível: tornar-me pastor! Procurei dizer-Lhe que discara “o número errado”, mas Ele assegurou-me que não houvera equívoco algum. Segui, portanto, o curso teológico, imaginando que outra pessoa teria “melhor” discernimento.

Logo que me conformei com a idéia, eu sabia, porém, o que desejava no ministério. Haveria o necessário e penoso período de aspirantado. Depois disso eu esperava labutar alguns anos no pastorado, mas meu objetivo de longo alcance era fazer algo *importante*: ser evangelista de Associação.

Portanto, que aconteceu realmente? Passei de fato pelo período de aspirantado. Ele ocorreu em Federal Way, Washington, onde permaneci por três anos. A seguir, fui convidado para pastorear o distrito de Bremerton.

Depois de quatro anos ali, João Osborn, da Associação Sudeste da Califórnia, procurou persuadir-me a ir para o Sul. O quê? Mudar para essa região “desagradável” e ligar-me aos adventistas do Sul da Califórnia?! Isso era algo que eu decidira nunca fazer. Tinham-me declarado que o Sul da Califórnia era o lugar em que os pastores adventistas “se extraviavam”. Mas no primeiro dia do mês de agosto de 1968 cheguei a Garden Grove.

Mais de doze anos depois, ainda estou em Garden Grove. A igreja sofreu alterações, e eu também. Ela cresceu de 340 membros para 1.120. Foi penoso suportar um projeto de construção de 750.000 dólares, mas constituiu um grande prazer alcançar o total de mil membros. E alcançar dois mil será mais emocionante ainda.

Meu papel também se modificou nos doze anos em que tenho labutado nesta igreja. Em 1968, eu era o único pastor da igreja. Agora temos quatro pastores mantidos pela Associação e seis pastores que se mantêm por si mesmos ou são mantidos pela igreja local. Tive de adaptar-me, deixando de procurar realizar tudo para efetuar somente algumas coisas. Essa modificação tem sido ao mesmo tempo dolorosa e compensadora.

Em 1968, pouco depois de chegar a Garden Grove, batizei algumas crianças. Depois disso

oficiei em seus casamentos e dirigi a dedicação de seus filhinhos a Deus! “Em relações afetuosas experimentamos os mais profundos significados e as maiores alegrias da vida”, costumava dizer um professor universitário. Agora sei o que ele queria dizer com isso, pois não fui compelido a ser um pastor temporário. Perguntem a qualquer ovelha como isso funciona!

Há ocasiões, naturalmente, em que os pastores devem aceitar um chamado ou pedido de transferência dentro da Associação. Por observação pessoal e ouvindo alguns administradores, cheguei a estas conclusões:

O pastor provavelmente deve mudar-se quando sente que está na hora de fazê-lo. Quando não há mais repto algum para ele num pastorado ou se contribuiu com tudo que tinha, então, talvez, deva mudar-se. Estar num pastorado enquanto se espera que logo chegue um chamado não é uma ocasião produtiva ou prazerosa. Os membros da igreja percebem quando isso acontece, mesmo que não seja comunicado verbalmente. Falta de visão e de entusiasmo e de planejamento de longo alcance são sintomas de que o pastor não se encontra onde deseja estar.

Há ocasiões em que os membros numa congregação local têm a convicção de que precisa haver uma mudança pastoral. Quando

considerável número de membros têm essa impressão, o pastor terá dificuldades para transmitir o evangelho ou dirigir a igreja em cumprimento da comissão evangélica. Em tais situações, pode ser que o pastor tenha de mudar-se. Quão melhor seria, porém, evitar essas dificuldades considerando diligentemente como estabelecer boas relações com os membros, em vez de fazer planos para mudar quando surgem problemas! Como é trágico quando a maioria dos membros acham que seu pastor deve mudar-se!

Muitas vezes os pastores são convidados a assumir "maiores responsabilidades" ou "posições mais importantes". Conquanto devamos estar dispostos a ser designados para o lugar em que nossos talentos possam ser melhor usados, amiúde esta não é a verdadeira razão para a transferência. Muitas vezes tais mudanças são votadas a fim de evitar que um "excelente e jovem pastor aceite um chamado de outra Associação", ou para satisfazer ao "ego" de alguém que anseia por uma igreja maior. Quantos de nós ficaríamos emocionados ao mudar para uma igreja com um terço do número de membros de nossa igreja atual?

O pastor às vezes é convidado a transferir-se numa ocasião em que essa mudança é muito difícil para sua esposa ou para seus filhos. A segurança dos filhos do pastor freqüentemente é ameaçada quando eles têm de cortar laços importantes. Não deveríamos, pelo menos, ser capazes de considerar a possibilidade de coordenar nossas prioridades na ordem designada pelas Escrituras — Deus, a família, a igreja e o mundo? Pastores felizes com famílias felizes e boas relações com a administração realizam muito mais na obra de Deus do que aqueles que, com sua família, mal tiveram tempo para se recuperar de uma mudança, quando outra já está em andamento.

O que os pastores podem fazer para ter pastorados mais longos?

1. Fazer planos de longo alcance.

2. Amar as pessoas e deixar que elas o saibam.

3. Dizer "Não" a alguns chamados fora de sua Associação.

4. Fazer com que os administradores de sua Associação saibam o que eles e os membros de sua igreja estão planejando.

5. Ter tanta avidez por maiores desafios como por uma promoção.

6. Conceder aos membros de sua igreja o privilégio de planejar alvos de longo alcance junto com eles e de labutar juntos para alcançá-los.

O que os administradores podem fazer para ter pastorados mais longos em seus Campos?

1. Transferir menos pastores que estão sendo bem sucedidos na localidade em que se encontram.

2. Lembrar-se de que um pastor pode desenvolver-se tão rapidamente num pastorado longo como em três pastorados de curta duração.

3. Não ter receio de que os pastores se tornem muito influentes por permanecerem demais tempo numa só igreja.

4. Embora não seja fácil, procurem solucionar os problemas em vez de transferi-los.

5. Relutar em chamar pessoas de outras associações que se encontrem há muito pouco tempo em sua atual posição.

6. Dar aos pastores a liberdade de desenvolver um ministério especializado para enfrentar as necessidades de uma determinada área.

7. Considerar os sentimentos e desejos do pastor e da congregação à qual ele serve ao ser considerada uma mudança.

Crescimento numérico, planejamento de longo alcance e nutrição espiritual dos membros devem produzir pastorados mais

longos. E, por sua vez, pastorados mais longos devem promover o crescimento numérico, planejamento de longo alcance e a nutrição espiritual dos membros. Deus não permita, porém, que permaneçamos num lugar simplesmente porque a Mesa Administrativa não consegue encontrar outra igreja que queira aceitar-nos! Oxalá Ele não permita que nossa falta de visão e relações deficientes com as pessoas sejam aquilo de que os outros mais ouçam falar de nosso ministério. Nalguns casos, tanto permanecer na mesma localidade como mudar-se seria funesto!

Deus quer que Suas congregações locais cresçam. Espera que planejem de modo esmerado e cabal e que nos detenhamos o tempo suficiente para cumprir os nossos planos. Não deseja ouvir-nos murmurar que somos um pequenino grupo impopular e perseguido que não pode crescer. O que é grande nem sempre é mau, e o que é pequeno nem sempre é sagrado. Quero servir a uma congregação maior ainda. Mas creio que Deus quer que eu o faça sem as despesas e os transtornos de uma mudança. Há uma experiência mais compensadora do que *mudar-se* para uma igreja grande — *tornar-se* uma igreja maior!

Como pode suceder isso? Partilhai com Deus um lugar sossegado, algum tempo e toda a vossa atenção. Juntos podeis fazer planos que produzam resultados inconcebíveis. Deus ficará contente; vós ficareis contentes, e a Mesa Administrativa também. Deus não nos chamou para reter o *status quo*. Tende grandes sonhos, planejai cuidadosamente e orai muito. Talvez sejais um dos pastores a descobrir que um pastorado de longa duração (com a perspectiva da trasladação no fim) oferece muito mais do que a transferência para uma igreja maior em outra Associação.

Qual a impressão que a gente tem ao ficar doze anos no mesmo pastorado? Sensacional! Prefiro pertencer às pessoas, a entrar num caminhão de mudanças; fazer parte de uma família espiritual antes que a um "movimento". ■■

# NOVO CONCEITO DA ESPOSA DO PASTOR

Dr. Roger Dudley

*Coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento para o Instituto de Ministério de Igreja*

*e Carole Luke Kilcher*

*Vice-diretora de Pesquisa e Desenvolvimento para o Instituto de Ministério de Igreja*

*De acordo com este artigo, a maioria das esposas de pastor são cristãs dedicadas, ajudam diligentemente o marido na obra da igreja e não acham que os reclamos do pastorado são excessivos. Mas nem tudo vai bem na casa pastoral.*

Conquanto sua esposa, em grande parte, permaneça em segundo plano, sem ser notada, o papel e as funções do pastor têm sido analisadas pormenorizadamente. Temos estudado seu preparo, suas estratégias evangelísticas e a elaboração de seus sermões. Temos definido suas tarefas pastorais e discorrido sobre sua obra como administrador de igreja. Quão amplo é, porém, nosso conhecimento de sua esposa? Não muito!

Para suprir esta falta, o Instituto de Ministério de Igreja na Universidade Andrews examinou 250 esposas de pastores escolhidas cientificamente de toda a Divisão Norte-Americana. Este relato apresentará um perfil das esposas que labutam em 155 igrejas com congregações predominantemente brancas e de fala inglesa.

Em grande parte, as esposas de pastores são cristãs dedicadas. Classificam sua própria relação com Cristo como muito íntima e afirmam ter uma vida devocional que é pessoalmente significativa. Um terço está envolvido em grupos de oração e de amizade. Elas passam tempo estudando a Bíblia e os escritos do Espírito de Profecia. Dois terços crêem que o conselho de Ellen White às esposas de pastores é muito prático, e a maioria está fazendo o possível para pôr em prática os

princípios apresentados por ela.

Também tomam parte ativa na igreja. Um terço assiste a mais de um culto de igreja, cada sábado, com o marido. Um terço está presentemente dando estudos bíblicos a pessoas não adventistas (a média oscila entre um e dois estudos individuais). Além disso, a esposa de pastor de tipo médio passa quatro horas, cada semana, acompanhando o marido na visitação pastoral tanto de membros como de não-adventistas. Quando seus maridos visitam mulheres que vivem sozinhas, quarenta por cento das esposas os acompanham. A metade hospeda membros de igreja com muita freqüência, e doze por cento hospeda freqüentemente pessoas não-adventistas. A maioria das esposas dizem não ter sentido excessiva pressão para se envolverem na obra da igreja além de seus recursos pessoais, e a maioria não considera um grave problema lidar com a expectativa de que devem ser um exemplo para o rebanho.

As esposas dos pastores também estão dispostas a empenhar-se na obra de Deus. Só 21% trabalham fora de casa em empregos de tempo integral. 40% não labutam fora de casa de modo algum. E a maioria das que têm um emprego de tempo parcial ou integral declaram não permitir que isso as desvie do serviço cristão ativo.

Mas nem tudo vai bem na casa pastoral. A descoberta mais alarmante desse estudo é o senso de isolamento e a ausência de significativas relações humanas que estão sendo experimentados por muitas dessas mulheres. Mais de dois terços relatam que não têm amizade íntima com suas

vizinhas e quase três quartos não se comunicam com mulheres de pastores de outras denominações na comunidade. Sem dúvida, o que contribui para isso é a mobilidade da família pastoral, que promove a sensação de instabilidade. A mulher de tipo médio nesse estudo mudou-se três vezes nos últimos sete anos! Segundo comentou uma esposa, "a única coisa que nossos vizinhos sabem a respeito dos adventistas é que eles se mudam muito. Somos a terceira família de pastor e a quinta família adventista a residir na casa pastoral nos últimos cinco anos.

O sentimento de solidão também se estende a suas relações com a família da igreja. A maioria das esposas declaram não ter amigas íntimas dentro da congregação. Segundo afirma uma delas: "Estou rodeada de muitas pessoas, mas sinto-me muito solitária." Com freqüência elas têm a impressão de que não seria profissionalmente correto desenvolver tais amizades, pois precisam tratar todos os membros de modo imparcial e não mostrar favoritismo.

Contudo, uma minoria das mulheres começou a desprezar essa expectativa tradicional. Comentários anexos indicam que as esposas de pastores têm as mesmas necessidades humanas que outras mulheres cristãs. Elas querem ser aceitas como indivíduos, e não meramente como extensão de seu pastor e seu trabalho.

Mas o fato de que as esposas de pastores muitas vezes se sentem solitárias em seus próprios lares causa maior preocupação ainda. As enormes imposições sobre o tempo e a energia do

marido freqüentemente fazem com que ele esteja tão ocupado "realizando a obra do Senhor", que não tenha tempo para sua própria esposa e filhos.

Como, então, devem o pastor e a esposa estabelecer suas prioridades, não somente para sua própria sobrevivência, mas também como modelo para outras famílias na congregação? O estudo revela que essa questão é premente para as famílias ministeriais na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em geral, as esposas encaram as prioridades atuais de seus maridos da maneira que segue: 1. O trabalho da igreja; 2. Tempo com Deus; 3. A saúde; 4. A esposa; e 5. Os filhos. Uma classificação mais de acordo com a Bíblia e, finalmente, mais eficaz, não seria a seguinte: 1. Deus; 2. Esposa e filhos; e 3. Ocupação?

O número médio de horas que os pastores passam cada dia no trabalho da igreja, é o seguinte, segundo o relato de suas esposas:

8 horas ou menos	16%
9-10 horas	36%
11-12 horas	27%
13 horas ou mais	20%

Cerca de dois terços das esposas relataram que seus maridos passam menos de *duas horas por dia* com a família, incluindo as horas de refeição! Mesmo quando está em casa, é provável que o pastor esteja estudando, telefonando ou envolvido em outras tarefas relacionadas com o seu trabalho. "Toda a nossa vida centraliza-se em nossos membros e no trabalho da igreja", comentou uma esposa. "É difícil dizer quando cessa o trabalho e começa o tempo da família."

Comentários por escrito denotam alguma confusão no tocante ao motivo por que o conselho da Sra. White sobre a importância da família não tem recebido maior ênfase da parte dos administradores de associações. Várias esposas sugerem que os pastores não devem sentir-se culpados por tirar um dia de folga, cada semana, em vista de seu penoso programa de seis dias. No entanto, um terço das esposas relatam que seus maridos raramente ou nunca tiram um dia de folga. Uma esposa escreveu

que ela não se importava de ajudar o marido no trabalho da igreja, mas achava que devia haver um equilíbrio entre os deveres profissionais e o tempo gasto com a família.

Isto não constitui mais um segredo. Há rupturas em numerosos lares de pastores adventistas. Alguns casamentos de ministros estão terminando em divórcio. Noutros casos, certos indivíduos estão cedendo às pressões e deixando o ministério. Muitos que não tomam essa medida drástica se sentem frustrados, não realizados ou infelizes em seu trabalho.

As raízes e as soluções desses problemas são complicadas, e este artigo não pretende apresentar uma resposta simplista. Contudo, parece haver fortes razões para crer que a eficiência total do pastor no ministério está relacionada com a qualidade das relações de sua vida familiar. Uma experiente esposa de pastor, de 61 anos de idade, sintetizou-o deste modo: "O lar é a própria base de um ministério vigoroso e bem sucedido. Ellen White confirma isso reiteradas vezes; todavia, muitas famílias de pastores sofrem por causa da preocupação do esposo com o trabalho. Perdem-se filhos e o ministério é debilitado ou fracassa completamente." As esposas parecem querer dizer-nos que se não tivermos fortes famílias na igreja, não teremos uma obra vigorosa. E, a menos que tenhamos fortes famílias de pastores, não teremos fortes famílias na igreja.

A segunda grande preocupação que veio à tona nesse estudo é a necessidade que tem a esposa de sentir que é uma reconhecida parte integrante da equipe pastoral. O ministro recebe a educação avançada, necessária para sua profissão e é alvo de constante atenção na igreja. Espera-se que a esposa o apóie em suas atribuições e realize a parte que lhe compete no trabalho da igreja, permanecendo, porém, num plano secundário. Por diversas razões, o ministério muitas vezes tem sido encarado como empreendimento de uma só pessoa, e não como autêntica sociedade.

As esposas indicaram que se

sentiam excluídas da programação e dos planos da Associação. Uma escreveu: "As esposas de pastores precisam ser consideradas pela Associação como parte da equipe." Outra mencionou que havia reuniões, publicações e cursos especiais para ajudar o marido em seu trabalho, mas freqüentemente ela era convidada a realizar tarefas similares, sem o benefício de qualquer preparo. Salientou que as reuniões de obreiros eram destinadas aos homens e geralmente não ensinavam um método de aproximação por meio de uma equipe. Outras expressaram o desejo de que houvesse programas de educação profissional que elevassem a posição da esposa do pastor a uma verdadeira categoria profissional. Algumas fizeram alusão ao conselho do Espírito de Profecia a respeito da remuneração de esposas que labutam lado a lado com o marido e perguntavam por que em geral isso tem sido desprezado.

Muitas esposas esperavam que o estudo chamasse a atenção da liderança para sua condição. "Será que finalmente alguém está reconhecendo que existimos?" escreveu uma delas. "Como sabem, as esposas de pastores também têm necessidades!"

Resumindo, as esposas acham que a base para um sólido ministério é um lar vigoroso com a esposa apoiando o marido no seu trabalho e partilhando-o com ele. Em compensação, ela precisa saber que seu marido, os membros da igreja e a Associação reconhecem-na como indispensável membro integrante dessa sociedade.

Talvez uma nova perspectiva da família pastoral como pessoas que requerem a mesma edificação e nutrição de suas relações interpessoais como qualquer outra pessoa, possibilite que a vocação ministerial adquira nova vitalidade. O enfoque do casal ministerial como uma equipe, composta de pessoas iguais que individualmente contribuem como um componente essencial e partilham das recompensas, poderá ainda introduzir uma era de inaudita frutificação na liderança da conquista de almas. **ff**

# POR QUE JOÃOZINHO NÃO CONSEGUE PRESTAR ATENÇÃO AO SERMÃO

B. Russell Holt

Desligaríeis vosso aparelho de televisão por um mês inteiro se alguém vos oferecesse 500 dólares para fazê-lo? Não sejais muito apressados para dizer "Sim". Quando o periódico *Free Press* recentemente fez essa oferta a 120 famílias em sua área de leitura, 93 rejeitaram-na completamente! É provável que idêntica porcentagem de vossa congregação faria a mesma coisa. Afinal de contas, a família de tipo médio na América mantém a TV ligada durante 44 horas, cada semana, e uma pessoa não abandona com facilidade um hábito que consome tanto tempo de sua vida. Se tendes uma igreja de "famílias americanas de tipo médio", cotejai as 44 horas que cada uma delas passa semanalmente diante da TV com as 3 ou 4 horas passadas nos bancos de igreja, e podeis começar a ter uma boa idéia da competição que tendes de enfrentar em vossa pregação. Naturalmente, acompanhar as horas que *vós mesmos* passais vendo televisão cada semana também pode lançar alguma luz sobre o motivo por que vossos sermões nem sempre exercem o impacto desejado.

Com frequência os redatores

de publicações religiosas sentem o impulso de se desabafarem fazendo uma invectiva contra os males da televisão. Eu mesmo não tenho resistido a essa tentação. Na realidade, durante quase dez anos podia fazê-lo elegantemente, sabendo que meu lar estava entre o pequeno número que não possuía um só aparelho de TV, nem mesmo um velho aparelho portátil, preto e branco, no dormitório. Eu não deixava de mencionar casualmente esse fato em momentos oportunos, só para sentir o justificado ardor da abstinência e exercer um pouco de coerção cristã individual sobre meus irmãos não tão abnegados. Infelizmente, há alguns meses, o hospital em que minha esposa trabalha como enfermeira introduziu novos modelos a cores e vendeu os velhos aparelhos pretos e brancos a seus empregados, por apenas 15 dólares cada um. Aproximava-se a noite das eleições, e o preço da *compra* de uma televisão do hospital seria inferior ao *aluguel* de um desses aparelhos para acompanhar os resultados das eleições. Retornamos às fileiras dos possuidores de aparelhos de TV (ou dos possuídos por eles). Portanto, não

posso mais combater os males da televisão com a liberdade anterior, e não pretendo fazê-lo aqui. Com efeito, prometo não usar as palavras *sexo* ou *violência* em parte alguma no resto deste artigo. (No entanto, gostaria de reservar-me o direito de jogar fora o aparelho de TV, assumir a perda de 15 dólares e começar a pontificar novamente!)

Estou persuadido de que a razão por que Joãozinho (para não mencionar o pai e a mãe desse menino) não consegue prestar atenção ao sermão tem muito que ver com as 44 horas passadas diante da TV. Fiquei mais persuadido ainda desse fato depois de ler uma entrevista com Neil Postman, professor de Comunicação na Universidade de Nova Iorque, em 19 de janeiro de 1981, por parte de *News and World Report*. Embora o contexto da entrevista seja o efeito da televisão sobre as crianças, a maioria dos pontos de Postman se aplica igualmente aos adultos, segundo minha opinião. Desejo apresentar-vos alguns pontos altos dessa entrevista.

A televisão, diz Postman, parece estar encurtando o período de atenção das crianças. A TV apre-

senta figuras que se movem muito depressa e dramaticamente. A duração média das tomadas de cena num programa regular é de três segundos (dois segundos e meio nas propagandas comerciais).

Não admira que Joãozinho fique enfiado, a menos que veja o pregador de um ângulo diferente cada três segundos. Ele também acha falta das vistas minuciosas da face do pastor que se dissolvem no cenário de grande abertura angular do coral; da repetição instantânea quando o pregador apresenta um ponto impressionante (repetido em câmara lenta de duas ou três posições diferentes, na televisão, naturalmente), e da interrupção, de dez em dez minutos, para uma palavra do patrocinador. Em suma, tendes de enfrentar forte competição.

Postman também salienta que embora a linguagem humana seja ouvida na TV, é o visual que sempre contém o que é mais significativo. Como resultado, a televisão, na realidade, não serve para transmitir idéias, pois as idéias são essencialmente palavras. A televisão comunica de um modo que é acessível a todos; ninguém precisa aprender a observar figuras na tela. Por outro lado, Postman diz que as escolas (e eu acrescentaria as igrejas) supõem que há certas coisas que a pessoa precisa saber antes que possa aprender outras coisas, e que nem tudo é tão facilmente acessível como se afigura na televisão.

Tenhamos pena do pobre pastor que precisa procurar transmitir a Palavra de Deus em meras palavras e que tem de "desaleitar" o rebanho antes que possa apresentar o "alimento sólido". Na televisão, cada noite, o "alimento sólido" do mundo é facilmente acessível em quase qualquer intensidade que se queira! E todo ele é servido de um modo que não requer grande esforço ou estudo diligente para que seja assimilado. Só é necessário sentar-se e observar. Não é de surpreender que o sermão seja considerado como algo inferior em comparação com o que Joãozinho acaba de ver na televisão.

O terceiro ponto apresentado por Postman é que as propagandas são o equivalente moderno dos antigos dramas alegóricos de fundo moral. Quando as crianças americanas atingem os vinte anos de idade, terão visto cerca de um milhão de propagandas comerciais, tomando-as com facilidade suas mais numerosas experiências culturais. E Postman declara que as propagandas comerciais pela TV somente são acerca de produtos "no sentido de que a história de Jonas é sobre a anatomia de baleias". As propagandas, segundo esse perito em comunicação, na realidade constituem parábolas em miniatura em que o problema é exposto nos primeiros segundos, resolvido no segmento do meio e concluído com uma moral em que o ator desaparece extaticamente da tela. Aparentemente, uma propaganda pode estar vendendo dentifricio, mas na realidade está vendendo aceitabilidade para com o sexo oposto. Assim também, propagandas de automóveis e motocicletas na realidade estão vendendo liberdade e independência. E essas propagandas comerciais ensinam três coisas interessantes às crianças, diz Postman: 1) Todos os problemas podem ser solucionados; 2) todos os problemas podem ser solucionados rapidamente; e 3) todos os problemas podem ser solucionados rapidamente por meio de alguma tecnologia.

Não é de admirar que Joãozinho (ou seus pais) fiquem desiludidos com o pastor que não pode sintetizar um problema, prescrever a pílula, o mecanismo ou a oração apropriados que possam solucioná-lo com rapidez, e retirar-se sorrindo — tudo isso em 28 segundos. As pessoas que aparecem na TV fazem isso constantemente; por que não o pastor? Por que ele precisa passar trinta minutos enfadonhos falando sobre soluções a longo prazo para os problemas da vida — soluções que requerem algo mais do que respostas tecnológicas?

A vida de acordo com a televisão — assevera Postman — é uma caricatura da vida real. Essa caricatura se baseia em determi-

nadas suposições com que depa-ram inconscientemente os telespectadores. Por exemplo, personagens com educação ou discernimento são retratados, quase invariavelmente, como indiferentes, insensíveis e fora de contato com os seus semelhantes. O herói, por outro lado, geralmente é um "homem do povo", talvez inculto, mas cordial e compreensivo. "Para os meninos é muito difícil encontrar nesses programas o modelo de alguém que seja admirável e também educado", diz Postman.

Assim, o pastor que procura apresentar o evangelho com base nalguma espécie de raciocínio tem três pontos contra ele, antes mesmo de começar. As pessoas na televisão que são admiradas e com as quais os outros se identificam não complicam as coisas com ponderações excessivas.

Portanto, se Joãozinho parece não poder prestar atenção ao sermão (ou se o pai e a mãe têm os mesmos sintomas), a causa primordial talvez não seja mais remota do que a bela televisão a cores em sua sala de estar.

Que podeis fazer?

Uma possibilidade é desafiar vossa igreja a livrar-se da televisão por um mês. (Experimentai uma semana se achais que um mês é muita coisa.) Se 93 dentre 120 famílias em Detroit rejeitaram 500 dólares para passarem um mês sem ver televisão, é provável que tereis dificuldades para convencer vossa congregação a fazê-lo espontaneamente, mas algumas pessoas resolutas poderão ficar excitadas com a novidade da idéia. Tornai-o algo importante; realizai alguns programas especiais na igreja para evitar a desintegração de famílias durante esse período de tensão; entrevistai os que completarem a experiência com êxito. Quem sabe quais serão os resultados de algo tão estranho? Pelo menos deveria merecer uma reportagem no jornal local!

Se experimentardes isso, eu gostaria de receber informações a esse respeito. Com um pouco mais de estímulo, talvez eu também participe da tentativa, jogando fora meu aparelho de TV de 15 dólares! ❧

# INSPIRAÇÃO-REVELAÇÃO-II

Elbio Pereyra

## Verbal, Mecânica ou Dinâmica?

A Bíblia certamente contém uma doutrina sobre a revelação-inspiração. Paulo e Pedro, em especial, fazem clara alusão a ela.<sup>1</sup> Evidentemente, os orientais não pareciam estar tão preocupados com o *como*, quanto com o *quê* da revelação. Aquilo que os preocupava, acima de tudo, não era a maneira, e sim, o conteúdo. A mente ocidental parece inverter o grau de interesse: a *maneira* preocupa mais que o *conteúdo* do assunto. É por isso que os profetas bíblicos não se detêm a explicar os pormenores do fenômeno da inspiração-revelação.

Nós adventistas não temos sido uma exceção entre os cristãos no tocante às duas posições mais comuns a respeito do tema de que nos ocupamos. Poucos são os que conscientemente aderem à idéia de uma inspiração verbal segundo a qual Deus ditava ao instrumento humano o que Ele queria que esse indivíduo comunicasse aos outros; a maioria defende o contrário. Deus comunica idéias e pensamentos, mas deixa com o indivíduo a redação e transmissão da mensagem. A cultura, educação e instrução do profeta são refletidas na revelação escrita. Esta é a posição que, pelo menos teoricamente, tem sido adotada pela Igreja Adventista. Cumpre reconhecer, no entanto, que na prática, muitos adventistas ainda atuam, quanto à Bíblia e aos escritos de Ellen G. White, com o critério talvez

não bem definido de revelação-inspiração verbal, segundo a qual as palavras seriam inspiradas. Deus as ditava ao profeta. Este era um simples amanuense, um gravador a serviço do ditame divino.

Podemos afirmar sem receio de equivocarnos que, oficialmente, a Igreja Adventista nunca aprovou a teoria da inspiração verbal. Em 1883 a Associação Geral achou necessário expressar-se sobre este ponto quando se fazia uma nova impressão dos *Testimonies*, e isso exigiu pequenas correções.

“Cremos que a luz dada por Deus a Seus servos é por meio da iluminação da mente, comunicando-lhes assim os pensamentos, e não (exceto em raros casos) as próprias palavras, através dos quais as idéias devem expressar-se.”<sup>2</sup>

W. C. White, comentando essa resolução em 1928, escreveu o seguinte ao Pastor L. E. Froom:

“O irmão se refere à breve declaração que lhe enviei em relação com a inspiração verbal. A mesma, formulada pela Associação Geral em 1883, está em perfeita harmonia com a crença e posição dos pioneiros desta Causa. E foi, penso eu, a única posição adotada por nossos ministros e professores, até que o Prof. Prescott, diretor do Colégio de Battle Creek, apresentou com firmeza outro ponto de vista: o que era mantido pelo Prof. Gausen. A aceitação por parte dos estudantes do Colégio de Battle Creek e de muitos outros, incluindo o Pastor Haskell, acabou

introduzindo crescente e infindo número de interrogações e perplexidades. A irmã White nunca aceitou a teoria de Gausen sobre inspiração verbal para sua própria obra, nem para a Bíblia.”<sup>3</sup>

Para Prescott surgiram alguns problemas quando ele mesmo provavelmente notou a maneira como se trabalhava com os manuscritos de alguns livros de Ellen White. Certa vez permaneceu na Austrália por uns dez meses, quando se organizava o Colégio de Avondale. Provavelmente teve a oportunidade de conversar sobre o assunto com W. C. White, M. Davis ou com a própria Sra. White. Não somente chegou a saber que Ellen G. White submetia os manuscritos de alguns de seus livros a certos pastores, antes de sua publicação, mas pediu-se que ele mesmo fizesse isso. E sugeriu algumas alterações para a edição revista de *O Conflito dos Séculos* de 1911.

Ao Pastor Haskell, W. C. White escreveu o seguinte:

“Creio, irmão Haskell, que existe o perigo de prejudicar a obra de mamãe, demandando mais do que ela reivindica para sua obra; mais do que os Pastores Andrews, Waggoner e Smith declararam. Não vejo consistência na apresentação da inspiração verbal, quando mamãe não afirma tal coisa.”<sup>4</sup>

Dirigindo-se ao concílio da Associação Geral em outubro de 1911, W. C. White declarou o seguinte:

“Mamãe nunca afirmou haver tido inspiração verbal. . . . Se tivesse havido inspiração verbal na redação de seus manuscritos, por que, pois, ela mesma tinha que fazer adições e adaptações a eles? É um fato que mamãe amiúde toma seus manuscritos e os revisa em forma meditativa, acrescentando então palavras aos pensamentos expressos e desenvolvendo-os mais ainda.”<sup>5</sup>

### Conceitos Sobre Inspiração da Parte de Ellen G. White

Há duas fontes muito apropriadas para termos uma idéia bem clara do conceito de inspiração em Ellen G. White: a introdução de *O Conflito dos Séculos* e os dois primeiros capítulos de *Mensagens Escolhidas*, Livro 1. O que segue é uma tentativa de resumir as idéias expressas por Ellen G. White:

**1.** Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, e, sim, os homens que escreveram a Bíblia. A inspiração não atua sobre as palavras utilizadas pelos instrumentos da revelação-inspiração, mas sobre os próprios instrumentos, imbuindo-os de pensamentos. Eles devem expressá-los com seus próprios recursos de idioma e cultura, ajudados, é claro, pelo Originador da inspiração: o Espírito Santo. As diferenças de estilo de seus autores constituem uma prova disso.

**2.** A Bíblia expressa idéias divinas nas formas limitadas da linguagem humana. O que resulta da fusão do divino com o humano é Palavra de Deus. Tal união aparece também em Cristo. Mas Deus, que é o autor da Bíblia, não é representado nela como escritor, através de grandiosa linguagem sobre-humana. As Escrituras são uma manifestação de divina condescendência e adaptação às necessidades humanas.

**3.** Sendo que a linguagem usada é a humana e tudo que é

**A revelação-inspiração seria um ato de condescendência divina pelo qual Deus confere à criatura humana a possibilidade de chegar a conhecer o que esta não poderia jamais saber por si mesma, mas Ele acha que ela deveria chegar a conhecer, e o faz por meio de um profeta.**

humano é imperfeito, podem ser atribuídos a uma palavra diversos significados. A Bíblia não é a forma de pensamento e expressão de Deus. É a forma da humanidade. “Foi dada com propósitos práticos.”

**4.** Ninguém tem o direito de afirmar que algumas partes da Escritura são inspiradas, e outras não. Toda ela é inspirada.

Estas afirmações eliminam a possibilidade de inspiração verbal. A inspiração verbal ou mecânica suscita problemas não somente em relação com os escritos de Ellen G. White, mas também com a própria Bíblia. Alguns dos problemas que a Igreja enfrenta atualmente em relação com os escritos de Ellen G. White derivam da prática, por parte de muitos, de aplicar a eles, consciente ou inconscientemente, os princípios da revelação ditada. Todavia, os eruditos das línguas originais da Bíblia ou os que pretendem poder fazer bom uso delas se emaranham no problema. A doutrina do santuário parece depender de uma forma verbal única na Bíblia, contida no livro de Daniel: *nisdac*.<sup>6</sup>

Os adventistas, seguindo o método da analogia, relacionamos a

purificação do santuário de Daniel, capítulo 8, com aquela a que estavam acostumados os judeus, pela prática anual, contida em Levítico 16. Os entendidos dizem que não existe conexão lingüística entre o texto de Daniel e o de Levítico. Só há idéias paralelas.

Nossos pioneiros usaram muito o método da prova por meio de passagens ou textos bíblicos. Tomavam todos os textos possíveis sobre determinados assuntos e, do conjunto, tiravam suas conclusões. Alguns eruditos têm procurado pôr em descrédito esse método, aderindo ao que se qualifica com o nome de contextual-histórico-gramatical. Como às vezes suas considerações giram tanto em torno de palavras, como no caso de *nisdac*, afigura-se que dão muito mais importância à inspiração verbal do que à dinâmica, que temos procurado descrever com idéias de Ellen G. White.

### Algumas Definições Úteis

Com o propósito de que algumas idéias que se seguirão possam ser bem interpretadas, torna-se necessário definir três vocábulos: revelação, inspiração e iluminação, em suas conotações teológicas. Há os que definem os dois primeiros separadamente e os que os consideram equivalentes, mas não o são. Os dois primeiros se aplicariam aos instrumentos humanos utilizados por Deus para receber e comunicar mensagens. O terceiro se aplicaria a qualquer pessoa que se acercasse da Palavra de Deus para entendê-la, sem que necessariamente esteja dotado do dom profético que se manifesta naqueles que são escolhidos por Deus para os fenômenos da revelação ou da inspiração. Os três são, finalmente, operação do Espírito Santo.

A *revelação-inspiração* seria, pois, um ato de condescendência divina pelo qual Deus confere à criatura humana a possibilidade de *chegar a conhecer* o que esta não poderia jamais saber por si mesma, mas Ele acha que ela deveria chegar a conhecer, e o faz por meio de um instrumento

humano chamado profeta ou profetisa. Por esse ato divino o próprio Deus capacita o referido instrumento para *transmitir a mensagem de maneira fidedigna*.

Cumpra salientar três idéias básicas da definição: a de *captação* do desconhecido, implícita na palavra revelação; a de *transmissão*, presente no termo inspiração; e a de *fidedignidade*, embora a linguagem usada seja a humana e no processo tenha havido uma mescla da informação ou mensagem básica originada em Deus e do meio humano da linguagem utilizado para transmiti-la.

A afirmação que segue pode ser melhor aceita com base na definição precedente: toda a Bíblia é divinamente inspirada (II Tim. 3:16), mas nem toda a Bíblia é material que nos veio por revelação. O indiscutivelmente revelado, por exemplo, é tudo aquilo que o homem não podia chegar a conhecer por si mesmo, como as revelações de natureza apocalíptica contidas nos livros de Daniel e Apocalipse. Mas não é revelação a parte histórica de Daniel. O profeta relata acontecimentos da História como protagonista ou ator. Não necessitou de revelação especial para poder consignar por escrito os versículos 1 a 29 do capítulo dois. Esses fatos eram conhecidos. Mas não podemos dizer a mesma coisa dos que aparecem a partir do verso 29. Isso lhe era desconhecido. É pura revelação.

Pode-se dizer algo semelhante da maior parte dos livros históricos do Velho e Novo Testamento: Samuel, Reis, Crônicas, Ester, os Evangelhos, o livro de Atos, etc. As evidências favorecem a opinião de que o Evangelho Segundo Lucas constitui um trabalho de investigação. Note-se a diferença nas introduções de Lucas e do Apocalipse: são diferentes. O primeiro é material inspirado. O segundo é uma revelação e, além disso, escritura inspirada. Nem tudo que é inspirado é revelação, mas tudo que é revelação é inspirado. A Bíblia inteira é inspirada, embora nem toda ela consista de material revelado. Deus tomou providências para que o desconhecido que

---

**Os Dez Mandamentos estão expressados definitivamente. Constituem uma revelação clara. Os israelitas receberam-na em sua língua original, em forma de escritura divina, e não de um mero ditado a Moisés. Chegou, pois, até nós de maneira diferente do resto da Escritura.**

---

Ele comunica em Sua Palavra (revelação), bem como os fatos históricos relatados pelos escritores da Bíblia (material inspirado) chegassem até nós na forma escrita da Bíblia, para nosso bem, e de maneira fidedigna.

Se a inspiração fosse verbal, não encontraríamos, por exemplo, alguns detalhes diferentes nos Evangelhos. Consideremos um caso bem simples: a inscrição da cruz.

S. Mat. 27:37: "Este é Jesus, o Rei dos Judeus."

S. Mar. 15:26: "O Rei dos Judeus."

S. Luc. 23:38: "Este é o Rei dos Judeus."

S. João 19:19: "Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus."

Qual das quatro declarações é a que verdadeiramente foi posta sobre a cruz? Necessitaríamos de uma revelação para sabê-lo definitivamente. As quatro diferem em detalhes, mas todas têm algo exatamente igual: "Rei dos Judeus." Os detalhes das diferenças não importam muito no caso. Ninguém se perderá por desconhecer qual era, exatamente, das quatro, a inscrição autêntica.

Os Dez Mandamentos estão expressados definitivamente. Constituem uma revelação clara. Os israelitas receberam-na em

na língua original, em forma de escritura divina, e não de um mero ditado a Moisés. Chegou, pois, até nós de maneira diferente do resto da Escritura. O que Paulo disse em sua segunda epístola a Timóteo, capítulo 4, versículos 10 a 22, não é uma revelação divina. Não é tão importante, em matéria de salvação, como o que disse o Senhor e que está registrado em S. João 3:16. Ambas as declarações são inspiradas porque fazem parte da Escritura. Mas uma é mais transcendente que a outra no tocante à salvação: a de Jesus.

O humano, pois, está mesclado com o divino na Bíblia. Não somente alguns horríveis atos do homem, mas também os maravilhosos atos de Deus, para que aprendamos alguma coisa de ambos.<sup>7</sup> Não somente os pobres elementos da linguagem humana, para expressar as grandes idéias de Deus, mas também os grandes e maravilhosos feitos, verdades e promessas de Deus.

"O tesouro foi confiado a vasos de barro, todavia não é por isso menos do Céu. O testemunho é transmitido mediante a imperfeita expressão da linguagem humana, e não obstante é o testemunho de Deus; e o obediente, crente filho de Deus nele contempla a glória do poder divino, cheio de graça e de verdade."<sup>8</sup>

#### Referências

1. II Tim. 3:16 e 17; II S. Ped. 1:21; I Cor. 2:1-16; Heb. 1:1 e 2; Apoc. 1:1.

2. *Review and Herald*, 27 de novembro de 1883.

3. W. C. White, Carta a L. E. Froom, 8 de janeiro de 1928.

4. W. C. White, Carta a S. N. Haskell, 21 de outubro de 1912. A carta contém uma nota do próprio punho da irmã White: "Aprovo as afirmações formuladas nesta carta. Ellen G. White."

5. *Selected Messages*, vol. 3, pág. 437, Apêndice A. De uma apresentação de W. C. White perante o Conselho da Associação Geral, 30 de outubro de 1911.

6. *Nisadac* é a forma verbal que aparece em Daniel 8:14. Trata-se da forma passiva do verbo hebraico *sadac*, traduzida geralmente por "será purificado". Admite-se que o espectro de significados é amplo, mas a idéia de purificação não pode ser descartada. Tal foi o sentido que deram a essa forma verbal os tradutores que prepararam a Septuaginta. Usaram um derivado verbal grego de *catarizo*, que corresponde à idéia de purificar. Os tradutores da Versão dos Setenta dominavam o grego e, por certo, estavam mais próximos das línguas mortas do Velho Testamento — hebraico e aramaico — do que os eruditos atuais. (Ver o artigo de W. E. Read: "Daniel 8:14 e a Purificação do Santuário", *The Ministry*, março de 1967.)

7. Rom. 15:4; I Cor. 10:11.

8. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 26.

# OS AUTORES BÍBLICOS E O USO DE OUTRAS FONTES ALÉM DA REVELAÇÃO

Elbio Pereyra

A razão deste artigo é a de complementar o anterior com três afirmações básicas. As evidências favorecem a posição de que alguns escritores bíblicos fizeram uso de outras fontes fora da revelação. A originalidade não é prova absoluta de inspiração. O uso de materiais de outros por parte de um profeta ou escritor inspirado é apropriado.

## Uso Bíblico de Fontes Adicionais à Revelação

Quando no fim de 1901 e no começo de 1902 se descobriu a estela de Hamurabe, os eruditos bíblicos ficaram espantados com a semelhança entre algumas leis contidas no referido código e o mosaico.<sup>1</sup> O de Moisés é posterior, e, portanto, não se pode asseverar que Hamurabe se apropriou de idéias de Moisés. Abraão possuía um código cujos preceitos haviam sido dados por Deus. Desconhecemos sua extensão, alcance e especificações. Temos, somente as breves referências do texto que nos transmitiu a informação.<sup>2</sup> Alguns procuram ver no código mosaico algumas idéias tiradas de Hamurabe e de outros códigos vigentes no tempo de Moisés. A explicação seria a que está implícita na Palavra de Deus e é realçada posteriormente por Ellen G. White. Todo o bem que possa surgir do

pensamento humano procede, em última instância, do Originador da verdade, que é Deus.<sup>3</sup>

Obadias e Jeremias têm palavras e frases idênticas.<sup>4</sup> "Alguns trechos são tão parecidos . . . que se afigura que seu autor citou o outro."<sup>5</sup> O Comentário Bíblico Adventista continua dizendo que é praticamente impossível determinar qual dos dois seria o original e que, provavelmente, tal semelhança se deve à colaboração de ambos. Os dois profetas a incluíram em seus respectivos escritos. Isso requereria aceitar que Jeremias e Obadias eram contemporâneos, do que existem evidências, mas não claras provas bíblicas.

É um fato que alguns escritores bíblicos usaram materiais de outros, não somente de colegas, mas também de autores extrabíblicos. Se bem que se poderia aceitar sem problemas que a semelhança entre os dois profetas mencionados mais acima se deve a que Deus deu a ambos a mesma mensagem, não seria tão apropriado aplicar o mesmo critério às semelhanças que existem entre Jeremias e o Segundo Livro dos Reis.<sup>6</sup> Não se trata aqui de profecias, e, sim, de relatos históricos que podiam ser extraídos dos registros oficiais. As evidências do caso nos levam a pensar que um dos autores havia sido

protagonista dos fatos e o segundo usou o material daquele para seu livro.

Ellen G. White disse que "no Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem."<sup>7</sup> Poucos livros da Bíblia refletem mais a outros escritores bíblicos do que este. Contém citações e alusões de 28 dos 39 livros do Velho Testamento, o que representa mais de 500 referências, citações e alusões, especialmente de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Zacarias, Joel, Amós e Oséias. Os Salmos e o Pentateuco não estão ausentes.\* Um estudo comparativo do Apocalipse com os capítulos finais de Ezequiel revelará que o primeiro contém muito material do segundo, especialmente em relação com algumas profecias condicionais que não se cumpriram em Israel, mas terão cumprimento final na consumação do conflito entre o bem o mal, ou na Nova Terra.

Quanto aos Evangelhos, diz-se que somente 24 versículos de S. Marcos não têm seus correspondentes em S. Mateus e S. Lucas. S. Marcos e S. Mateus são muitos parecidos. A semelhança dos Evangelhos indica que houve alguma fonte comum. A identidade de palavras não constitui mero acidente. Alguns escritores bíblicos haviam

tomado emprestado alguns pensamentos de autores extrabíblicos, ou haviam estado tão familiarizados com eles que os refletiram em seus escritos. É o que acontece também com os pregadores, nos quais a absoluta originalidade quase não existe. Refletimos as fontes de conhecimento próprias de nossa cultura e de nossa educação. As idéias extraídas de comentários, dicionários, dos escritos de Ellen G. White, etc., afloram nos sermões e podem ser detectadas com facilidade. Alguns evangelistas usam os mesmos títulos e idênticas apresentações de outros que, por sua vez, refletem as de terceiros. Um professor do Seminário Teológico costumava dizer que se alguém toma o pensamento de um autor e faz uso dele, dirão que é um plagiador; mas se numa pesquisa, alguém cita 20 autores, considerá-lo-ão erudito.

Paulo reflete a cultura de sua época em seus escritos, bem como em sua própria formação educacional. "As más conversações corrompem os bons costumes", escreveu ele aos coríntios. Trata-se de um pensamento extraído de *Thais*, obra do comediante grego Menandro, que o precedeu neste mundo por três séculos.<sup>9</sup> Não há evidências de inspiração divina no poeta grego, nem de que Paulo recebeu o adágio por revelação divina. O pensamento que aparece em *Títol:12* é do cretense Epimênides, que viveu uns seis séculos antes de Paulo.<sup>10</sup> Em *Atos 17:28* o apóstolo cita a *Arato*, poeta do terceiro século antes de Cristo. Como toda a Bíblia é "divinamente inspirada", essas partes formuladas por pagãos chegaram a sê-lo porque Paulo as citou e Lucas e ele as registraram nas Escrituras. A diferença noutros casos, como as citações de livros apócrifos por parte de Judas e João, reside unicamente no fato de que nesses casos são citados autores religiosos.

O texto do primeiro livro de Enoque, citado por Judas, sem crédito, diz o seguinte:

"Eis que Ele vem com dez milhares de Seus santos para executar juízo sobre todos e para

destruir a todos os ímpios, e para convencer toda carne no tocante a todas as suas obras de impiedade cometidas, e de todas as coisas duras que os pecadores ímpios proferiram contra Ele."<sup>11</sup>

Essa declaração de um livro não canônico passou a ser inspirada porque o apóstolo a incluiu em seu livro inspirado.

Palavras, idéias, expressões e figuras do Livro de Enoque, por exemplo, são refletidas no Novo Testamento mais do que poderia imaginar-se, particularmente nos Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Coríntios, Efésios, Colossenses, Timóteo e Hebreus. Quando se chega ao Apocalipse, as semelhanças são muito mais comuns. Notemos alguns exemplos:

**1.** Apoc. 1:14: "A Sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo." Enoque 106:10; 46:1: "A cor de Seu corpo é branca como neve . . . e o cabelo de Sua cabeça é branco como lã branca, e Seus olhos são como os raios do Sol." (O contexto é totalmente diferente.)

**2.** Apoc. 7:9: "Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, . . . em pé diante do trono." Enoque 40:1: "Depois destas coisas olhei, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar . . . , em pé diante do Senhor dos Espíritos."

**3.** Apoc. 17:14: "O Senhor dos senhores e o Rei dos reis." Enoque 9:4: "O Senhor dos senhores, Deus de deuses e Rei de Reis."

**4.** Apoc. 21:1: "Vi novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram." Enoque 91:6: "E o primeiro céu passará, e não será mais, e aparecerá novo céu."

Notai a semelhança entre as idéias de algumas declarações de Paulo e as do livro epócrifo, *Sabedoria de Salomão*. A seqüência é a seguinte: Deus Se revela na Natureza, os homens O rejeitaram e adoraram ídolos tirados da Natureza, e essa rejeição os levou a toda espécie de pecados. (Ver Pág. 18)

Não apresentamos estes exemplos para afirmar que Paulo usou as idéias de outros. Estas semelhanças podem ser simples coincidências, reminiscências de materiais lidos ou recebidos de seus professores, senso comum manifestado numa mente iluminada, esclarecimento ou iluminação do Espírito.

Ellen G. White usou materiais de outros autores; isto é evidente nalgumas de suas obras. As razões poderiam ser as seguintes:

1. Sua escassa preparação acadêmica de apenas uns três anos de instrução primária que terminou aos nove anos de idade. Ela revela em mais de uma ocasião que não se sentia bem por carecer de melhor instrução, educação e capacidade para transmitir as mensagens recebidas.

"Oh, quão ineficiente, quão incapaz me sinto para expressar o que arde em minha alma em relação com a missão de Cristo! . . . Não sei como exprimir ou traçar com a pena o grande assunto do sacrifício expiatório. Não sei como apresentar os assuntos com o vívido poder com que me são apresentados. Estremeço diante do receio de reduzir com palavras deficientes o grandioso plano de salvação."<sup>12</sup>

2. Sua admiração pela maneira como outros escreviam sobre os mesmos assuntos, e outras razões práticas.

"Ela considerava que era tanto um prazer como uma vantagem e uma economia de tempo usar a linguagem deles, em sua totalidade ou em parte [Refere-se a Fleetwood, Farrar, Geike, Andrews], ao apresentar o que ela sabia por revelação e que queria transmitir a seus leitores."<sup>14</sup>

3. A necessidade de preencher as lacunas produzidas entre os assuntos básicos que lhe haviam sido revelados e os fatos de conhecimento geral contidos em boas obras de renomados autores sobre História, em especial, e outros assuntos.

A originalidade, pois, não é uma condição indispensável na inspiração. Os autores bíblicos

utilizaram materiais de seus colegas, de outros autores religiosos e, como notamos em Paulo, até de escritores seculares. A Bíblia contém muito material que é pura revelação. O homem jamais poderia haver chegado a conhecer muita coisa do que agora conhece se Deus não lho houvesse revelado.

Mas a Bíblia contém muito material que não chegou até nós, necessariamente, por revelação. Nela figuram uma porção de fatos históricos para ensinar-nos lições práticas.<sup>15</sup> Nalguns deles percebemos claramente a intervenção divina. Os autores os deixaram escritos porque Deus o quis. Transmitiram-nos com suas próprias palavras e, quando necessário, recorreram a fontes conhecidas para documentar ou reforçar seus escritos. Os estudantes da Bíblia estão familiarizados com a expressão "economia de milagres". A idéia implícita é a seguinte: Deus não revela ao homem o que ele pode conhecer por si mesmo, pois isso, na verdade, não é revelação.

#### Referências

1. *The SDA Bible Commentary*, vol. 1 págs. 616-619. (Em castelhano, págs. 626-631.)
2. Gênesis 26:5.
3. S. Tiago 1:17; EGW, MS 25, 1890; *Educação*, págs. 13 e 14. As declarações de Ellen G. White aparecem no artigo anterior.
4. Jer. 49:7 e Obadias 8; Jer. 49:9 e 10 e Obadias 5-6; Jer. 49, 14:16 e Obadias 1-4. Ver também Ezeq. 25:12-14.
5. *The SDA Bible Commentary*, vol. 4, pág. 519.
6. Jer. 52:1-27 e II Reis 24:18-20; Jer. 52:31-34 e II Reis 25:27-30.
7. *Atos dos Apóstolos*, pág. 584.
8. *The SDA Bible Commentary*, vol. 7, págs. 724 e 725; T. H. Jemison, *A Prophet Among You*, págs. 6-11; Taylor Bunch, *Signs of the Times*, 28 de maio de 1946.
9. I. Cor. 15:33. Ver *The SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 808; Bruce M. Metzger, *The Apocrypha*, pág. 171.
10. *The SDA Bible Commentary*, vol. 6, pág. 354; Metzger, *op. cit.*
11. Judas 14 e 15 e I Enoque 1:9; *The SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 708.
12. Ver Rom. 9:20-22 e Sabedoria 12:12; 15:7; 12:20; Efés. 6:13 e 14-17, e Sabedoria 5:17, 18 e 20; II Cor. 5:1 e 4 e Sabedoria 9:15.
13. *Carta 67*, 1894.
14. W. C. White, Carta a L. E. Froom, em 8 de Janeiro de 1928, *Selected Messages*, livro 3, pág. 460.
15. Rom. 15:4; I Cor. 10:1-12; S. João 21:24 e 25; 20:30 e 31, S. João 5:39.

<p style="text-align: center;"><b>Romanos</b> (A Bíblia na Linguagem de Hoje)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Sabedoria de Salomão</b> (Versão de Matos Soares)</p>
<p><i>"Desde que Deus criou o mundo, Suas qualidades invisíveis, tanto Seu poder eterno como Sua natureza divina, têm sido claramente vistos. E os homens podem ver tudo isso no que Deus tem feito. Por isso eles não têm desculpa nenhuma."</i> Cap. 1:20.</p>	<p><i>"Porque pela grandeza e formosura da criatura se pode visivelmente chegar ao conhecimento do seu Criador."</i> Cap. 13:5. <i>"Mas, por outra parte, nem eles merecem perdão. Porque, se chegaram a ter luz bastante para poderem fazer uma idéia do Universo, como não descobriram mais facilmente o Senhor dele?"</i> Cap. 13:8 e 9.</p>
<p><i>"Embora conheçam a Deus, não Lhe dão a honra que merece, e não são agradecidos a Ele. Ao contrário, seus pensamentos se tornaram absurdos, e suas mentes vazias estão cheias de escuridão."</i> Cap. 1:21.</p>	<p><i>"São vaidade todos os homens em que não se acha a ciência de Deus, e que pelos bens visíveis não chegaram a conhecer Aquele que é, nem, considerando as Suas obras, reconheceram quem era o Artífice."</i> Cap. 13:1.</p>
<p><i>"Dizem que são sábios, mas são loucos. Em vez de adorarem o Deus imortal, adoram imagens que se parecem com homens, ou com pássaros, ou com animais, ou com bichos que se arrastam."</i> Vs. 22 e 23.</p>	<p><i>"Porque andaram largo tempo vagabundos, no caminho do erro, tendo por deuses os mais vis dentre os animais, vivendo à maneira de meninos sem razão."</i> Cap. 12:24.</p>
<p><i>"Por causa do que esses homens fazem, Deus os entregou às paixões vergonhosas."</i> V. 26.</p>	<p><i>"Não conservam puros nem o seu proceder, nem os seus matrimônios, mas um mata o outro por inveja ou o ultraja com o adultério."</i> Cap. 14:24.</p>
<p><i>"Estão cheios de perversidade, maldade, avareza, vícios, ciúmes, crimes, lutas, mentiras, e malícia. Difamam e falam mal uns dos outros. Odeiam a Deus e são atrevidos, orgulhosos e vaidosos. Inventam muitas maneiras de fazer o mal. Desobedecem aos pais, são imorais, não cumprem a palavra, são malvados e não têm pena dos outros."</i> Vs. 29, 30 e 31.</p>	<p><i>"E todos os crimes se acham de mistura, o sangue, o homicídio, o furto e o engano, a corrupção e a infidelidade, a turbação e o perjúrio, a perseguição dos bons, o esquecimento de Deus, a contaminação das almas, os crimes contra a natureza, a inconstância dos matrimônios, as desordens do adultério e da impudícia. Porque o culto dos ídolos abomináveis é a causa, o princípio e o fim de todo o mal."</i> Vs. 25, 26 e 27.<sup>12</sup></p>

# O PREGADOR E OS MEIOS VISUAIS

Vítor Cooper

*Diretor Associado do Depto. de Comunicação da Ass. Geral*

*De acordo com a pesquisa, as pessoas obtêm 83% de suas informações por meio da vista. Como podem os comunicadores do evangelho usar os meios visuais para ser mais eficientes?*

Os comunicadores cristãos podem tornar-se mais eficientes fazendo maior uso dos meios visuais. "Ver é crer", segundo sabem os anunciantes. É por isso que eles usam a tela da televisão para vender sabonetes, automóveis, dentifrícios e grande número de outros produtos e serviços. De acordo com estudos efetuados pela Socony-Vacuum Oil Company, as pessoas freqüentemente obtêm 1% de suas informações pelo gosto; 1,5% pelo tato; 3,5% pelo olfato; 11% pela audição; e 83% pela visão! E quando se usa a visão e a audição juntas...! É por isso que a televisão constitui um meio de persuasão tão poderoso.

Os anunciantes sabem que os meios visuais são coercivos. Será que os comunicadores do evangelho também sabem isso?

## Efeito da Televisão

Anos atrás, o púlpito constituía o comunicador mais influente na sociedade. Então veio a imprensa, o rádio e a televisão. Esta última tornou-se agora a influência preponderante em moldar a vida das pessoas. Quando o adolescente norte-americano de tipo médio se forma no curso secundário, ele passou quinze mil horas diante da tela! Por conseguinte, a televisão pode com facilidade ter mais influência sobre suas atitudes, crenças e sistemas

de valores do que os pais, a escola ou a igreja.

É por esta razão que muitos pregadores evangélicos estão trocando os seus púlpitos por um estúdio de televisão, do qual podem ter ascendência sobre congregações maiores e mais atentas.

Quase não precisamos ser lembrados de que o inimigo usa os meios visuais para atrair e depravar seus seguidores voluntários. Isso não é, porém, uma razão plausível para a igreja cristã desprezar ou rejeitar o uso dos meios visuais para instrução e desenvolvimento de cristãos em crescimento. Fazê-lo é alegar que todos os cristãos são cegos e entregar o terreno a Satanás. Nós adventistas do sétimo dia empreendemos a divina incumbência de "ensinar todas as nações" (S. Mat. 28:19). Seria insensato desprezarmos padrões de aprendizado bem estabelecidos. Oitenta e três por cento é uma quantidade que deve ser lembrada como prova de que os meios visuais são muito importantes.

Historicamente, os adventistas, bem como outros cristãos, têm dependido de um ministério auricular — pregação, oratória com gesticulações evangelísticas — acompanhada com alguns meios visuais, como diagramas proféticos e uma coleção de animais baseada em Daniel e Apocalipse. Mas os membros de nossas congregações hoje em dia têm sido nutridos com meios visuais mais coercivos. Muitos, especialmente as crianças e os jovens, ficaram com a mente excitada pela tela da televisão já mesmo antes do despontar de

sua memória. Os flanelógrafos, quadros magnéticos, quadros-negros, etc., que os professores da Escola Sabatina usam na tentativa de causar um impacto visual, freqüentemente são considerados inferiores pelas crianças, em comparação com a excitante estimulação da televisão profissional. Sendo assim, procurai imaginar quão monótono é provável que seja considerado o culto da igreja, especialmente o sermão! As crianças e os jovens, em particular, estão acostumados a absorver muito maior quantidade de informações por hora do que podem obter só pela audição.

## Meios Visuais na Igreja

Reconhecidamente, as verdades espirituais, em geral mais captadas do que ensinadas, não são fáceis de ilustrar. E, na realidade, alguns talvez até considerem sacrilégio o uso de meios visuais no sábado, especialmente no culto das onze horas. Pode ser assim se eles afastam a mente das coisas espirituais. Mas o caso não precisa ser esse. O crescente desafio da Igreja é usar os meios visuais para ajudar na compreensão das Escrituras e das verdades espirituais.

A maioria das igrejas adventistas reconhecem essa necessidade e incluem pelo menos uma tela e aparelhos de projeção em seus templos. Têm verificado que tanto dentro como fora dos períodos de culto, há muitas aplicações para os meios visuais. Numerosas igrejas estão usando câmeras, diversos tipos de projetores, cartazes, quadros, flâmulas, gravuras, mapas, modelos, amos-

tras, e exposições. No entanto, se a Igreja realmente quiser enfrentar o desafio da hodierna sociedade orientada visualmente, precisa aceitar novas tecnologias e ser inovadora em seu uso de meios visuais estabelecidos.

Por exemplo, as passagens bíblicas podem tornar-se bem vividas para os adoradores se forem "traduzidas" para o meio visual. A *New Media Bible* em filme ou *videotape* (com comentários arqueológicos em películas) é um valioso complemento aos cultos. Os livros de Gênesis (18 filmes) e S. Lucas (15 filmes) já foram completados.

Filmes sobre muitos assuntos podem ser adquiridos de vários departamentos da Igreja e do Adventist Media Center, em Thousand Oaks, Califórnia, bem como de numerosas fontes fora da Igreja.

Videocassetes estão-se tornando cada vez mais acessíveis. Estes podem ser mostrados a grupos e pequenas congregações num tocador de videocassetes que com facilidade é ligado a qualquer aparelho de televisão. Sob o título "Espírito de Vida" e patrocinado por Life Video, Inc., uma série de 21 estudos bíblicos que abrangem as doutrinas adventistas fundamentais e lidam com tais problemas como a culpa e o sofrimento tornou-se disponível em videocassete. Os Heritage Singers apresentam a música e o Dr. Roy Naden, da Universidade Andrews, dá o estudo bíblico. Isto constitui um bom começo. Precisam ser abrangidos outros assuntos.

Há imensas possibilidades na criação de comunicações visuais. Sua preparação requer tempo, dinheiro, esforço e habilidade; os processos de comunicação tornaram-se mais complicados do que anteriormente, mas determinados grupos cristãos estão desenvolvendo essas habilidades. Alguns progrediram de apresentações de um só projetor para programas de multiprojetores; outros passaram a televisar ao vivo ou por meio de fitas. Áudio e videocassetes de cultos e classes da Escola Sabatina podem ser distribuídos a

## Os videocassetes agora são abundantes. Nas lojas também há videodiscos. Quando será disponível o primeiro material adventista?

doentes e inválidos e a estações de TV.

Na realidade, muitas estações de televisão procuram boas programações. Dramatização de histórias bíblicas, situações da vida que mostram a religião em ação, entrevistas, notícias de igreja, programas missionários — todos requerem visualização; e as estações locais de TV podem usar uma variedade de programações adaptadas a suas necessidades.

### Que nos Reserva o Futuro?

Calcula-se que a demanda de serviços de telecomunicação, na América do Norte, será cinco vezes maior por volta do ano 2000. Fora da América do Norte, o crescimento também será rápido.

Na França, a Companhia Telefônica está economizando dinheiro por eliminar os guias telefônicos impressos e dar a cada assinante uma tela e um teclado em que ele pode datilografar o nome da pessoa cujo número do telefone necessita obter, e receber imediata exposição desse número na tela existente em sua casa.

Os videocassetes agora são abundantes. Nas lojas também há videodiscos. Quando será disponível o primeiro material adventista?

O uso de satélites diminuirá as despesas e facilitará a transmissão de vídeo-sinais. Extraordinárias oportunidades de comunicação acham-se à disposição da Igreja! O uso em conjunto de um canal via satélite por uma variedade de igrejas está presente-mente sendo considerado pela Comissão de Comunicação do Concílio Nacional de Igrejas.

A National Christian Network, uma rede de programas de tele-

visão produzidos independentemente e operando fora de Cocoa, Flórida, está transmitindo para estúdios de TV via satélite.

Não deveria haver mais de um programa adventista nessa rede?

Nossos hospitais tomaram a dianteira no uso do vídeo para instrução dos pacientes e do pessoal. Mas há necessidade de mais videoprogramações em tais áreas como educação sanitária, dependência de drogas, nutrição, paternidade, lar e casamento, programas de crianças, arqueologia, biologia, astronomia, história, etc. Mais materiais de educação no vídeo poderiam ser usados por empregados denominacionais em medicina, enfermagem e educação. Pastores, departamentais e administradores poderiam todos ser beneficiados pelo uso de videomateriais produzidos denominacionalmente.

### Novos Ministérios Visuais

Pregadores eletrônicos, como Pat Robertson, Jim Bakker, Jerry Falwell e Robert Schuller, estão usando os meios visuais em novo estilo. Alguns acham que a igreja local fica mais fraca quando a igreja eletrônica fica mais forte. Mas Falwell, orador da Old Time Gospel Hour, diz acreditar que Deus deu a televisão principalmente para a propagação do evangelho, e ele compra os melhores períodos de transmissão para penetrar em maiores áreas em seu ministério. "A televisão, da maneira como a vejo — diz Falwell — é o meio mais eficaz. ... É algo significativo olhar bem para os olhos daquele indivíduo quando lhe apresentamos o evangelho. ..."

"Da parte do ministério, as oportunidades para televisão são ilimitadas; o potencial é como nunca dantes. Nosso maior problema não é comprar tempo, e, sim, assegurar-nos de que o tempo que passamos no ar é eficaz." (Trechos da palestra de Falwell na sessão inaugural dos congressos de televisão na Convenção NRB de 1980, em Washington, D. C., e citados em Religious Broadcasting, abril de 1980.)

Os adventistas têm oradores

pela televisão com convicções similares. *It is Written, Faith for Today, Breath of Life, Destiny, Ayer hoy Mañana, Il Escrit* e outros já produziram grandes resultados pela fé. O programa "teleseminar" *It Is Written*, em 1º de março, foi um acontecimento emocionante. Mas no futuro necessitaremos de mais fé, de mais dinheiro na produção de programas, de mais espaço na TV, de mais pregadores envolvidos, de mais administradores comunicando no meio visual, de mais pastores de videoministério, de mais departamentos da Igreja envolvidos na comunicação pelo vídeo, de maior variedade de programações.

Em face do recente surto no número de pregadores eletrônicos e do alto custo do melhor espaço, e reconhecendo tanto o poder como as insuficiências dos meios de comunicação das massas, que iremos fazer?

O Dr. Guilherme Fore, pastor da Igreja Metodista Unida e diretor de Comunicação do Concílio Nacional de Igrejas, sintetizou suas reações num artigo em *TV Guide* (19 de julho de 1980), intitulado: "Não Existe Semelhante Coisa Como um Pastor de TV." Asseverando que o contato humano, que a televisão não pode prover, é a essência da religião, disse o Dr. Fore: "A solução é que as igrejas locais precisem tornar-se mais dinâmicas, entusiastas e relevantes — usando o rádio e a TV para alcançar auditórios limitados, mas ajudando fundamentalmente a resolver seus problemas nas comunidades em que eles residem."

Concordamos com o Dr. Fore. O potencial mais promissor e excitante na comunicação cristã reside no seu uso criativo pelo imaginoso pastor local, para ajudá-lo em seu ministério pessoal. O comunicar cristão bem sucedido desenvolverá uma fusão de vista, do som, da palavra impressa e do contato pessoal.

Se vós, porém, como pregadores cristãos, tivésseis de restringir vossa comunicação ao aspecto oral ou ao aspecto visual — qual deles escolheríeis? Votaríeis a favor ou contra o aspecto visual? Lembrai-vos dos 83%! ■■

# QUANDO O PASTOR FICA EXTENUADO



Kevin J. Howse

Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Waynesboro, Pensilvânia

*O senso do dever pastoral tem feito com que abuseis de vossos recursos interiores a tal ponto que vosso ministério se encontre em bancarrota?*

Ele era um bom pastor. Pregava com fervor e era bem sucedido na realização de reuniões evangelísticas. Visitava os membros com regularidade e era sinceramente espiritual em suas relações interpessoais. Assistia às reuniões da comissão e encarava com seriedade as responsabili-

dades administrativas de sua igreja. A administração da Associação estava contente com ele, pois bem poucas queixas, se é que havia alguma, chegavam à escrivania do presidente.

No entanto, durante certo período de tempo, o tesoureiro da Associação notou acentuado aumento no número de receitas médicas que esse pastor entregava para reembolso. Um exame revelou a presença de úlceras, e outro, de colite. Teria de realizar exames adicionais para descobrir a causa de sua dor de cabeça e hipertensão.

A igreja também começou a notar algumas modificações. O pastor que antes era pontual passou a chegar atrasado, e de vez em quando deixava de comparecer a um encontro ou reunião. As pessoas começaram a mencionar que ultimamente não o tinham visto nas proximidades de seus lares. Em particular e muito confidencialmente, o pastor revelou a seus anciãos que ele necessitava de uma "mudança" e que estava procurando um chamado para outro lugar.

Finalmente o pastor teve de admitir em seu íntimo que não só era ineficiente em seu trabalho, mas na realidade não se importava com isso. Com frequência fazia castelos no ar e perdia tempo por ficar olhando para a carga de trabalho em sua escrivaninha. Tornava-se cada vez mais ciente de frustração e monotonia. Deveres que pouco tempo antes causavam satisfação, agora pareciam requerer mais energia do que ele podia reunir. Percebeu que estava procurando desviar-se das pessoas sempre que fosse possível, embora em tempos passados apreciasse encontrar-se e conversar com elas.

"Talvez Deus me tenha abandonado", pensava ele. "Talvez eu seja uma nulidade como pastor e como homem. Minha saúde está-se deteriorando rapidamente, estou sendo mal sucedido em meu trabalho e provavelmente estou ficando desequilibrado."

Extenuação e estafa constituem tanto uma possibilidade para o pastor como para o vendedor, para o dirigente de uma empresa ou para o supervisor de uma linha de montagem. Preparo inadequado, falta de oportunidade para crescimento, medo do fracasso e exigências irrealistas são apenas alguns dos fatores de tensão que os pastores partilham com os outros.

Mas o pastor também tem alguns fatores de tensão que lhe são peculiares. Os pastores são dirigentes de uma organização voluntária que possui elevados ideais e expectativas para seus membros. Contudo, o próprio fato de que é uma organização voluntária deixa o pastor com poucos meios que de fato sejam tangí-

---

## **Depois de quatro ou cinco anos de ministério, alguns pastores verificam que se equivocaram em sua vocação. Às vezes o chamado para ser cristão é confundido com o chamado para o ministério.**

---

veis para assegurar que os membros do grupo assumam responsabilidades e alcancem certos alvos. O gerente de uma repartição pode prevalecer-se dos cheques de pagamento para incentivar os funcionários; o pastor tem de contar com a persuasão e a motivação espiritual. Ao mesmo tempo, é o pastor que assume a maior parte da responsabilidade pelo êxito ou fracasso dos objetivos da igreja, bem como pelo crescimento pessoal dos membros. Pelo menos, é assim que ele muitas vezes encara a situação. Além disso, lida constantemente com pessoas e seus problemas, o que às vezes constitui um pesadelo para o seu coração. E está empenhado num trabalho que jamais é concluído.

Depois de quatro ou cinco anos de ministério, alguns pastores verificam que se equivocaram em sua vocação. Às vezes o chamado para ser cristão é confundido com o chamado para o ministério. O idealismo dos adolescentes e a necessidade de patrocinar uma causa justa podem atrair um jovem converso para a preparação para a luta pastoral sem que ele se certifique primeiro de que possui os necessários característicos de personalidade e dons para que a vocação seja genuína. Erudição doutrinária ou mesmo a habilidade de pregar bem jamais podem compensar as deficiências na arte de dirigir os outros e comunicar-se com eles.

Naturalmente, Deus pode habilitar um indivíduo a vencer deficiências pessoais; mas, na maioria dos casos, temos de trabalhar dentro dos pontos fortes e fracos de nossa personalidade.

Alguns pastores que ficam extenuados são afeitos ao trabalho, porém não necessariamente por gostarem tanto dele. Amiúde, esse tipo de pastor labuta compulsivamente devido ao receio oculto de fracassar e por causa das expectativas da congregação e da administração, e experimenta uma sensação de culpa que precisa ser enfrentada. Tal pastor é impelido por irresistível atitude coerciva que o incita a sacrificar seus dias de folga, seu tempo com a família e, talvez, até mesmo as férias. Não tem a intenção de ser intemperante, mas chegou ao ponto de ser incapaz de lidar com suas responsabilidades sem sentir que precisa fazer tudo, solucionar todos os problemas (especialmente os insolúveis), estar em toda parte, e nunca dizer "Não", exceto a sua família.

A extenuação e a crise de adaptação da meia-idade frequentemente andam juntas. Entre os 30 e os 45 anos de idade, o pastor de tipo médio começa a enfrentar seu próprio íntimo e a avaliar para onde está indo sua vida. Fica acabrunhado ao perceber que não é tão moço como antes e que a possibilidade de alcançar certas aspirações pode estar desaparecendo rapidamente. Às vezes olha para o futuro e indaga se *deseja* ser pastor pelo resto de seus dias. Investiu a si mesmo completamente em seu trabalho, e agora lhe parece que obteve poucos resultados concretos. A amargura se avoluma ao examinar ele o que se lhe afigura como anos desperdiçados no passado e anos vazios que se estendem invariavelmente para o futuro. Deus parece estar distante, e tudo que o pastor considerava precioso parece ter perdido o valor.

A tensão do trabalho também pode provir da administração. As pesquisas revelam que a extenuação tem muito mais probabilidade de ocorrer entre os trabalhadores cujo padrão suscita uma

atmosfera impregnada de medo, proporciona pouca oportunidade para crescimento, não delega responsabilidades significativas, se empenha em processos manipulatórios, não manifesta confiança ou é insensível às necessidades pessoais. Os administradores que não estão cientes de sua influência sobre a saúde mental de seus obreiros têm parte na culpa quando seus pastores ficam extenuados.

A sobrecarga de tensão afeta todos os aspectos da vida de uma pessoa — físicos, intelectuais, sociais, psico-emocionais e espirituais. Cada um deles tem seus próprios sintomas.

### Sintomas de Extenuação

Constante fadiga e a sensação de esgotamento físico, mesmo quando não houve grande esforço corporal, constituem um indicio de excessiva tensão e iminente extenuação. Outros sintomas: a tendência de necessitar de mais sono do que habitualmente, ou a incapacidade de dormir; doenças de origem emocional e pequenos problemas físicos que se tornam males crônicos.

O efeito da tensão sobre a mente, em geral, se manifesta pela incapacidade de concentrar-se, pela tendência de ser esquecido, pela redução da agilidade e pela sensação de "sobrecarga de informação" — o senso de tensão e esgotamento devido a excessivo esforço das faculdades mentais. O individuo pode volver-se para evasões, como leituras leves ou TV, em vez de atividades mentais mais intensas.

A extenuação social é amiúde caracterizada pelo desejo de esquivar-se das pessoas e seus problemas. A fim de esquivar-se das pessoas, pode-se recorrer a tais artificios como olhar em volta enquanto se conversa com alguém, monopolizar a conversação para não precisar ouvir, concordar com opiniões desagradáveis só para evitar confrontações, inventar compromissos para terminar ou evitar discussões, permanecer o máximo possível em casa ou ocupar-se em ministérios legítimos não voltados para as pessoas, como a escrita, a cons-

---

**À medida que continua a extenuação, sentimentos de enfado, depressão e confusão acerca de si mesmo são característicos. Tais sentimentos são acompanhados do terrível receio de que não haja um meio de escape.**

---

trução e a música. Nessa etapa da extenuação, não são ocultados os seus efeitos no lar. Detrás de portas fechadas há um individuo irritável e deprimido que nunca tem tempo para conversar com crianças, exceto para lhes impor silêncio, e que se esconde o máximo possível no escritório. Ele sente vontade de esquivar-se da esposa e dos filhos, bem como das responsabilidades que as pessoas lhe impõem.

A medida que continua a extenuação, sentimentos de enfado, depressão e confusão acerca de si mesmo são característicos. Tais sentimentos são acompanhados do terrível receio de que não haja um meio de escape. Ter de admitir que não se é capaz de exercer devidamente as funções relacionadas com o trabalho e o lar produz muito medo, sentimento de culpa e insegurança. E, para o pastor, ter de admitir *diante de Deus* que as coisas não estão certas ocasionalmente um fardo de culpa adicional.

Talvez não haja efeito mais grave e complicado do que aquele que a extenuação exerce sobre o bem-estar espiritual de um pastor. Cercado pelo desejo de desvencilhar-se de seu ambiente e de suas responsabilidades, o pastor pode rejeitar valores nos quais confiava e que defendia publicamente. Imprecações, experimentação sexual e o uso de drogas e álcool constituem algumas das modificações radicais da

conduta que denotam desintegração espiritual. Sua vida devocional está paralisada há muito tempo, e a leitura da Bíblia é destituída de significação. Ele pode, num ato de desespero, procurar readquirir algum significado espiritual para sua vida, mas não consegue concentrar-se durante o tempo suficiente para obter algum benefício desse esforço. Espiritualmente, ele é uma concha vazia, e sente que dentro de algum tempo a concha se quebrará e todos ficarão cientes de que sua vida e todas as suas palavras não passam de chavões ou vãs digressões.

A esposa do pastor carrega pesado fardo nesse tempo. Em parte ela fica indignada — indignada porque ele não moderou o passo quando ela recomendou que o fizesse, indignada porque ele não tirou suas férias quando podia tirá-las, indignada porque ele nunca teve um dia de folga. Agora ele se acha extenuado, e ela está indignada porque a culpa é dele mesmo.

Ela também é dominada por sentimentos de culpa. Talvez não se tenha esforçado suficientemente para apoiá-lo como pessoa e como pastor, embora não saiba ao certo que mais poderia ter realizado. Afinal de contas, não recebeu preparo especial para ser esposa de pastor.

Está receosa — receosa de que ele faça alguma coisa temerária e ponha em risco seu trabalho e a segurança da família. Receia que ele a abandone, assim como abandonou sua obra e seus valores religiosos. Receia que os filhos venham a sofrer por causa disso.

Em seu desespero, ela busca auxílio, mas ele recusa admitir que precisa de ajuda.

### Recuperação

Os pastores, bem como outras pessoas, com frequência podem ser legitimamente acusados de sobrecarregar o organismo. Precisamos compreender a nós mesmos e nossas verdadeiras motivações. Precisamos aprender a conservar nossa energia para proteger a vida e a felicidade. As seguintes sugestões podem **aju-**

dar a produzir essa compreensão e a evitar a extenuação:

**1.** Tornai a examinar vossa filosofia de vida. No fluxo e refluxo de demandas em conflito, que valores considerais de suprema importância? Dais lugar ao humor, à criatividade, à relaxação e à recreação? Quão importante é, para vós, dar e receber amor em vossas relações cotidianas? Experimentais um equilíbrio de atividades físicas, mentais, espirituais e sociais?

**2.** Estabelecei prioridades realistas de curto e longo prazo e atende-vos a elas. Empreender muito pouco ou empreender demasiado ocasiona tensão. Tende cuidado com as demandas impulsivas que desorganizam vossas prioridades.

**3.** Desvencilhai-vos do ambiente de trabalho quando vos retirais dele. Lutai contra o constante sentimento de ter de concluir um trabalho que na realidade jamais será concluído.

**4.** A diversão, amiúde, é mais relaxante e revigorante do que o repouso completo. Escolhei um passatempo ou uma atividade que sirva de válvula de segurança, permitindo que seja descarregada a tensão e estimulado vosso interesse em assuntos não relacionados com o trabalho.

**5.** Desfrutai a vida que tendes; dirigi o carro mais devagar e apreciái a paisagem; detende-vos um pouco e saboreai uma refeição saborosa; não fiquéis tão sobrecarregados que não tenhais tempo para os filhos.

**6.** Socializai-vos com pessoas fora de vosso ambiente de trabalho imediato. Isto reduzirá as conversas que causam tensões. Tende uma plêiade de verdadeiros amigos com os quais podeis partilhar-vos profundamente, em lugar de uma porção de conhecidos com os quais só podeis partilhar formalidades.

**7.** Fazei questão de obter suficiente repouso e sono. Reduzi

as horas passadas em claro e ven-do televisão.

**8.** Evitai, na medida do possível, freqüentes transferências. Aceitar uma transferência muitas vezes apenas é um modo de fugir das dolorosas realidades da frustração no trabalho e da necessidade de examinar-se melhor.

**9.** Sabei quando deveis retirar-vos do conflito e quando insistir numa questão. Acabai com as hostilidades antes que elas acabem com a vossa pessoa. Acautelai-vos contra a amargura.

**10.** Desenvolvi uma atitude de gratidão e contentamento. Encarai as pessoas e as situações de modo positivo.

**11.** Desenvolvi a arte da tolerância. Pessoas irritantes sempre têm profundas necessidades que podem ajudar a explicar sua conduta.

**12.** Acostumai-vos a olvidar aquilo que é doloroso, feio e injusto. Pensai naquilo que é verdadeiro, honroso, justo, puro, amável, e digno de louvor.

**13.** Tende cuidado com o idealismo excessivo. A maioria das pessoas idealistas são indivíduos hostis que se dão ao trabalho de estabelecer suas próprias regras para a vida, e ficam iradas quando outras pessoas não lhes dão atenção nem concordam com elas. Se este for o vosso caso, deveis expandir o vosso pensamento e aprender que a vida não consiste somente em ser corte-

**14.** Desenvolvi expectativas realistas a vosso próprio respeito e dos outros. Não podeis modificar o impossível; ninguém é indispensável; nem todos irão

amar-vos; a perfeição raramente é encontrada deste lado da eternidade.

**15.** Não subestimeis o leite da simplicidade em vosso estilo de vida.

**16.** Combatei a "doença da precipitação". A obsessão de constantemente realizar as coisas mais depressa e melhor é um caminho que conduz a saúde precária.

**17.** Elaborai um programa diário que dê lugar à meditação criativa. Acautelai-vos contra orações e devoções monótonas e rotineiras que não condizem com vossas necessidades e sentimentos pessoais.

**18.** Cuidai de vosso corpo. Fazei exercícios diários, bebei suficiente quantidade de água, respirai ar fresco e puro, comei frutas e verduras frescas e efetuai todas as boas coisas que tendes recomendado aos outros.

**19.** Determinai os limites de vossa sobrecarga de tensão e recusai envolver-vos em atividades que requerem mais do que esse limite.

**20.** Mantende um padrão de crescimento positivo e não fiqueis assoberbados pelo excesso de trabalho, nem vos deixeis acobrunhar pelo pessimismo e os problemas dos outros.

Embora seja possível viver num ambiente completamente livre de tensões, podemos fazer alguma coisa no tocante à quantidade e aos tipos de tensão. A extenuação *pode* ser evitada. Nosso trabalho, nossa família, nossa vida espiritual e nossa saúde física e emocional são demasiado importantes para serem sacrificados no altar da tensão.

# MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

Janeiro-Fevereiro de 1982



Nº 1